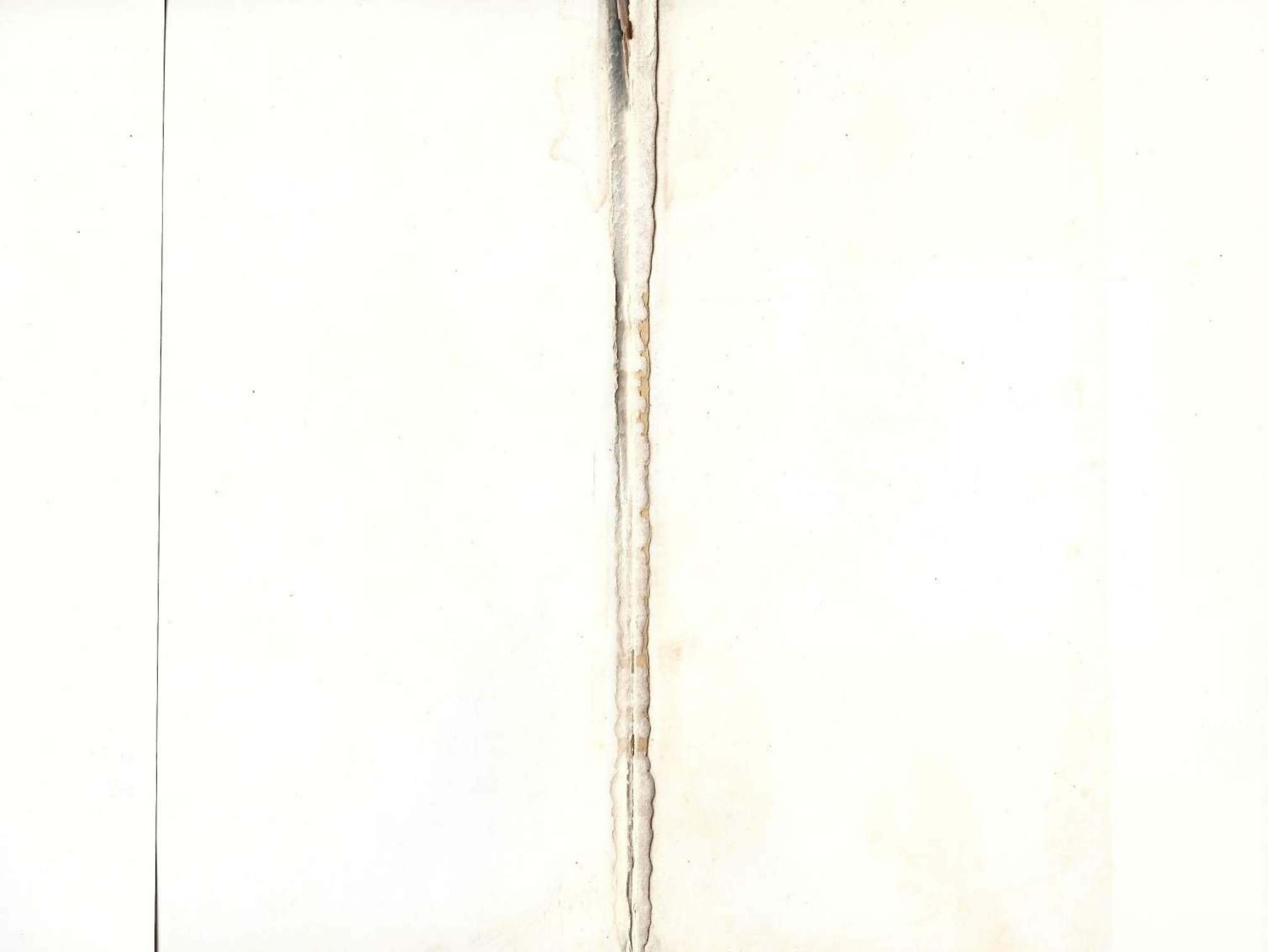


Esperança e Alegria

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
ESPÍRITOS DIVERSOS





Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

E84

Esperança e alegria / [por] espíritos diversos; [psicografia de] Francisco Cândido Xavier. — São Paulo: Cultura Espírita União, 1987.

1. Espiritismo 2. Psicografia I. Espíritos diversos. II. Xavier, Francisco Cândido, 1910 -

87-1752

CDD-133.9
-133.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Escritos psicografados: Espiritismo 133.93
2. Espiritismo 133.9
3. Mensagens psicografadas: Espiritismo 133.93



SUMÁRIO

Coordenação e Revisão: Beatriz L. P. Galves
Produção e Capa: João Santoro
Diagramação: Vivaldo da C. Borges

Direitos Autorais CEU© 1987

1.ª Edição: 10.000 exemplares

Editora Cultura Espírita União
Rua dos Democráticos, 527
CEP 04305 - Vila Monte Alegre
Cx. Postal 1564 - Jabaquara - São Paulo
C.G.C. 51.602.688/0001-10
Inscr. Estadual 110.182.264

Impresso no Brasil

<i>Álvaro Luiz Marques de Mello</i>	<i>8</i>
<i>André Luiz Cassaño Mousinho</i>	<i>16</i>
<i>Antonio Alcindo Ribeiro</i>	<i>24</i>
<i>Augusto Cezar Neto</i>	<i>30</i>
<i>Carlos Alberto dos Santos Dias</i>	<i>38</i>
<i>Cláudia Pinheiro Galasse</i>	<i>46</i>
<i>Cleide Aparecida Rodrigues de Almeida</i>	<i>52</i>
<i>Ivan Antonelli Zakaib</i>	<i>60</i>
<i>João Vaccari Neto</i>	<i>68</i>
<i>Luís Eduardo Cacciatore</i>	<i>74</i>
<i>Luiz Ricardo Maffei</i>	<i>80</i>
<i>Olimar Feder Agosti</i>	<i>88</i>
<i>Roberto Medeiros Fernandes</i>	<i>98</i>
<i>Rosângela Maria Sonvesso</i>	<i>108</i>
<i>Valdir De Vicenti</i>	<i>118</i>

As famílias de:

Antonio Alcindo Ribeiro
Ivan Antonelli Zakaib
Luís Eduardo Cacciatore
Luiz Ricardo Maffei
Olimar Feder Agosti
Roberto Medeiros Fernandes
Rosângela Maria Sonvesso
Valdir De Vicente

Participam da reunião semanal do Lar Oficina, em São Paulo, S.P., dirigido por Dona Yolanda Cezar, a quem agradecemos carinhosamente tê-los colocado em contacto com Chico Xavier.

PREFÁCIO

Quem não conhece no mundo as longas noites da esperança, diante de um enfermo prestes a partir, em demanda do Mais Além?

Transforma-se a esperança em prece agoniada, mas consoante às leis que regem a vida o doente segue para a Grande Mudança.

— o —

Surge a grande ansiedade.

As lágrimas se fazem a companheira da ausência. No coração dos entes amados que ficaram é a noite do sofrimento que domina.

Multiplicam-se as interpelações do silêncio. Por que? Por que?

— o —

Entretanto, chega o dia em que o ausente querido envia as suas próprias notícias. Os seres queridos exultam. Não mais se acreditam enganados pela esperança, porque o missivista lhes endereça notícias de outra vida. E choram. Não mais de tristeza e sim de alegria, de profunda alegria.

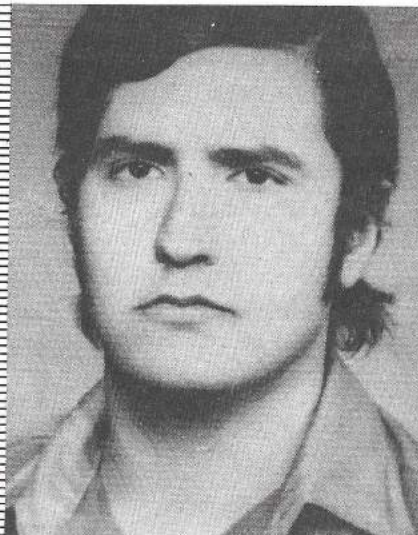
— o —

É por isso, leitor amigo, que este livro é um conjunto de petições angustiadas e respostas de alegria, tal qual as sombras da noite que se dissolvem na luz do amanhecer.

EMMANUEL

Uberaba, 21 de fevereiro de 1987

Álvaro Luiz
Marques de Mello



30 de Janeiro de 1946
S. Paulo, SP.
09 de Maio de 1969
S. Paulo, SP.

Álvaro Luiz dirigia-se para Mauá, cidade próxima a São Paulo e Ribeirão Pires, de moto, a fim de visitar sua avó que estava lá hospitalizada. Na estrada, estando só ele e um carro no sentido oposto, foi atropelado por este que desgovernou-se atravessando a estrada.

“Papai, eu não sei o que aconteceu com ele, mas veio em cima, ainda tentei pular, assim mesmo ele atingiu-me”. Álvaro foi ferido em uma das pernas e levado ao Hospital das Clínicas. Os recursos médicos porém não puderam debelar a gangrena gasosa que apresentou-se e após diversas amputações, desencarnou na mesa cirúrgica.

Álvaro, aos 23 anos, cursava o 3º ano de Engenharia na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Era diplomado em piano pelo Conservatório Musical de São Paulo (1964), tendo feito o curso primário no Externato Macedo Vieira e o ginásio no Instituto de Educação Caetano de Campos; foi funcionário do Banco do Brasil.

A mensagem que publicamos a seguir foi a primeira de uma série de nove comunicações, entre cartas e pequenos recados.

Este é o depoimento de Dona Josephina Marques de Mello, mãe de Álvaro:

“Até receber esta mensagem eu sentia um aperto no coração e daí em diante senti-me reconfortada, com a certeza de que meu filho não havia morrido. Todo aniversário dele continuo dizendo quantos anos ele está completando”.

E seu pai, Gabriel:

“Até esta mensagem, nunca tinha me conformado com o acontecimento, descreia de tudo, com ele seguiu parte de minha vida. Porém, ao receber a mensagem, renasci, suavizou-se minha dor, confortou-me como um bálsamo, foi uma dádiva que Deus me concedeu. Desde então sinto-o sempre junto a mim.

Deixo patenteado meu agradecimento a Deus, à Doutrina Espírita, a Chico Xavier, rogando pela sua saúde, para que prossiga na tarefa de confortar aos que perderam entes queridos. Agradeço também a todos os colaboradores, ao meu querido filho e rogo a Deus que parentes continuem a receber esta graça, para conforto de todos”.

Gabriel de Mello Filho.

Alguns esclarecimentos sobre o texto psicografado:

Pais: Josephina Marques de Mello (Naná) e Gabriel de Mello Filho

Avó materna: Guiomar dos Santos Marques, desencarnada a 12 de Maio de 1974 em S. Paulo.

Avó paterna: Julieta de Mello, desencarnada a 06 de Junho de 1965 em São Paulo.

Avó paterno: Gabriel de Mello, desencarnado a 12 de Dezembro de 1948 em S. Paulo.

Irmã: Solange Marques de Mello.

“Querida mãezinha,

Conquanto meu pai Gabriel esteja distante, reunos em meu coração, a fim de pedir que me abençoem.

Mãezinha, não compreendo como o tempo parece patinar sobre nós, tal a impressão de velocidade com que os dias se desdobram. Nove anos é um pedaço. E a saudade é a mesma, o amor não se modificou, os sentimentos continuam inalterados e essa vontade ardente de cooperar em sua paz é um anseio constante em meu pensamento; compreendo os conflitos que se travaram no íntimo do papai. A visita a vovó em Ribeirão Pires e a transformação inesperada a surpreender-nos...

Meu pai é aquele mesmo homem nobre e reto que conhecemos, entretanto, ficou-lhe parado no coração aquele porquê desagradável, quando não aceitamos os desígnios de Deus. Em vão me aproximo dele, no intuito de explicar, mas o amor que ele nos dedica é uma couraça de fidelidade à harmonia de princípio. Ele julga até hoje que nada ocorreria não fosse a vovó doente e os dias se acumularam uns sobre os outros, sem que lhe consigamos enxergar qualquer renovação, no ponto a que me refiro. É por isso que venho até aqui sob as atenções de minha avó Julieta e de meu avô Gabriel rogando nós três a ele para que compreenda que naquele dia de maio me caberia terminar o tempo de estágio na terra.

Não houve culpa de ninguém, muito menos da visita a vovó, que afinal, também veio para cá, moida de desgostos, aliados à enfermidade que a crucificou no corpo doente por muito tempo.

Mãe querida, não preciso dizer que os meus primeiros trechos de caminho, na vida nova, foram duros de

atravessar. Vê-la em pranto e observar meu pai introvertido e de sentimentos dilapidados por idéias errôneas me doía ao coração. Somente após muito auxílio consegui adaptar-me ao problema sem superá-lo. Para senhorear essas dificuldades de relacionamento é que me encontro com os meus avós paternos, pedindo ao querido papai Gabriel que nos entenda e perdoe. Amo tanto ao papai e quero tanto àquele coração forte e belo que se nos ergue no mundo por bendita proteção, que rogo a ele desculpas se fui apanhado pelo acidente fora de casa, num caminho em que, na ternura de um neto, desejava tanto abraçar uma avó doente.

Mãe, mostre ao papai estas minhas palavras e diga a ele que se eu pensasse em morte, haveria desejado permanecer com ele até o fim, guardado naqueles braços amorosos e amigos até o fim do meu corpo, tanto me lembro dele de quando em pequeno me apertava de encontro ao peito. Diga-lhe, mãezinha, que o meu avô Gabriel de quem ele é filho exemplar me asilou em sua dedicação, qual se me fosse outro pai.

Não posso dizer que estou integralmente feliz porque isso seria negar essa fome de reencontro em que a gente se vê, buscando em pensamento abraçar-nos uns aos outros. Mãezinha querida, estou, no entanto, mais tranquilo. Você procurou compreender-me e tem nos auxiliado a todos com a sua abnegação. Continue amparando-nos, não fique pesarosa se meu pai Gabriel até hoje se tranca na própria meditação para pensar no processo de minha volta ao Mundo Espiritual. Ele nunca deixou de adorá-la, como sempre. Se permanece ainda atrelado ao carro da tristeza, é porquê não se conformou até agora com a realidade que me traçava tempo curto na terra. Mas você compreenderá

isso, ama-lo-á com o carinho de todos os dias e saberá, em silêncio, que o papai adoeceu no espírito, colecionando perguntas e saudades que somente a luz da fé viva em Deus conseguirá dissipar.

Mas Deus espera sempre.

Meu pai não consegue fazer prodígios de transformação diante da morte e ainda não construiu nele mesmo esse refúgio de oração e confiança em que você mamãe, consegue morar. O tempo é uma esponja de Deus absorvendo todas as mágoas que surjam na terra e o tempo balsamizará as feridas do coração do papai, a fim de que ele volte a sorrir como noutra tempo, com a nossa querida Solange.

Aguardemos.

Mãezinha querida, minha avó Julieta pede a Deus abençoá-la, meu avô faz o mesmo.

Recordando a presença de meu pai, coloco a imagem dele em nossos pensamentos unidos e beijo-lhes as mãos juntas. — Nunca nos separaremos, nunca estaremos fora uns dos outros.

Por isso mesmo, mãezinha querida, receba com ele todo o amor e todo o reconhecimento do seu filho, sempre seu Álvaro Luiz.”

Álvaro Luiz Marques Mello

André Luiz
Cassaño Mousinho



11 de Novembro de 1971
Rio de Janeiro, Rio
08 de Março de 1985
Ilha do Governador, Rio

André Luiz morava na Ilha do Governador, no Rio, com seus pais e irmãs. Lá estudava no Colégio Passaredo e tinha muitos amigos, referindo-se a alguns deles na mensagem.

André é uma pessoa cuja existência produz muitos frutos: quando encarnado no plano terrestre, trazia muitas alegrias à família e amigos e agora, por sua ausência entre nós, propiciou o início de uma maior aproximação entre todos que se envolveram no trágico acidente. Trinta dias após sua morte física, realizou-se em casa dele mesmo, o primeiro culto de orações organizado por sua avó paterna, Dona Suzana Maia Mousinho. Esta reunião já contava com muitas pessoas: todos os amigos que prestaram auxílio e até mesmo médicos do Hospital da Aeronáutica da Ilha, que deram assistência a toda a família após o acidente. O culto é sempre no dia 8, qualquer que seja o dia da semana - das 18 às 19 horas - sempre lotado de amigos, inclusive Dino Boy.

Detalhes esclarecedores sobre os fatos que ocorreram naquele dia são contados por ele mesmo em sua primeira mensagem, a qual é rica em informações sobre a maneira como sua vida se desenvolve após a morte.

A querida Dona Suzana é uma das mais nobres colaboradoras do espiritismo cristão que há anos presta esforços sem fim ao amparo dos menos favorecidos em seus trabalhos no Lar Espírita André Luiz, Rua Cacilda Becker n.º 15, Bairro Independência, Petrópolis, e com suas belas palavras propaga o Evangelho em nosso país.

Ela testemunha:

“É quase impossível dizer tudo o que sentimos com a leitura e a impressão altamente consoladora que nos causaram as notícias do neto amado, André Luiz, tão cedo e de forma tão penosa transferido para o nosso verdadeiro mundo, a Pátria Espiritual.

Tudo o que nos falou nas suas cartas do coração, retrata-nos a verdade insofismável, e sem qualquer interferência do médium.

Observando a mensagem do neto, verão os amigos que muitas vezes em suas visitas ele nos surpreende revelando pelo lápis mediúnico coisas que só nós conhecemos...

E tudo isso, meus amigos, só foi possível através da vida abnegada de um anjo bom, que nesta reencarnação recebeu o nome de Francisco Cândido Xavier.”

Suzana Maia Mousinho

Alguns esclarecimentos sobre o texto psicografado:

Pais: Maria Idê Cassaño Mousinho e Gláucio Mousinho de Albuquerque, tenente-coronel do Exército Brasileiro.

Irmãs: Gláucia, então com 15 anos e Flávia, 10 anos.

Avó materna: Suzana Maia Mousinho.

Vovó Thereza Mousinho de Oliveira é a avó materna de seu pai, desencarnada em 26 de maio de 1981 no Rio.

Tia Rita é irmã de vovó Thereza, desencarnada no Rio Grande do Norte há 10 anos atrás.

Doutor Lisâneas Marcelino da Silva, médico psiquiatra de renome no Rio de Janeiro, desencarnado em 15 de fevereiro de 1968.

Tio André Luiz é o amado e conhecido mentor espiritual.

Carlos Augusto - importante magistrado, foi padrinho do pai de André, no tempo em que era Juiz de Direito em uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Norte.

Os amigos são Carlos Roberto Aguiar Comstedt, 14 anos, o Cabeça de Bilha; Mário Souza de Carvalho, 13 anos, é o Banana; todos residentes à Ilha do Governador, Rio.

“Querida mamãe Idê, querido papai Gláucio, minha sempre lembrada vovó Suzana e querida Gláucia.

Estou escrevendo com o auxílio da vovó Thereza que me trouxe até aqui para que eu possa sentir a felicidade de vê-los e abraçá-los. Pai, faz oito meses, bem me lembro. Naquela noite a luz estava repentinamente apagada na Ilha e enquanto voltávamos para casa, chamei o Dino Boy para seguirmos à frente. Havia inventado um brinquedo de assalto que víramos na televisão e já havia brincado com o Banana, com quem fazíamos ginástica. Começava a brincadeira e depois de tudo se fazia exercícios de força e resistência. Penso que mamãe e papai se lembram de tudo, porque vinham conversando ao lado de Gláucia e Flávia.

O Juninho, que era o nosso Dino Boy, se interessou e fomos para dentro de casa. Convidei-o a desempenhar o papel de assaltante e eu seria o assaltado aproveitando a noite escura. Juninho me disse que nada possuía nas mãos que significasse uma arma e então lembrei do revólver experimental que estávamos fazendo aos poucos. Fui à nossa oficina e recordei que, um dia, falei ao papai que o furo de frente era muito pequenino, ao que o pai sorriu e me disse — “pois se o revolver funcionar vai sair um balaço”.

Passei a arma ao Dino Boy e fiz de conta que me escondia a fim de aparecer para que ele me atirasse. E assim foi. Uma vela estava acesa e o Juninho puxou o gatilho e nada senti pela frente mas nas costas ouvi um barulho muito grande, caindo em seguida.

Estive parado por minutos e escutei as vozes que se faziam ouvir, mas sentia-me estonteado, sem direção, assim que me levantei. Eu não sabia que já me achava fora do corpo, expulso pela força do projétil e não pude

evitar o choro que se apossou de mim. Nesse instante, como se tudo fosse natural, vi a vovó Thereza a me estender os braços. Corri para ela, escondendo o rosto em seu vestido, enquanto, com muito carinho, ela me falava de repouso e retirada.

Não estava em posição de saber o que eu queria e a vovó Thereza me carregou nos braços e me conduziu, não sei de que modo, para uma casa longe, na qual ela me fez tamponagens para me aliviar as costas que doíam bastante. Supondo que voltaria para a nossa casa no dia seguinte, dormi tranquilamente.

Estava sossegado, sempre com o desejo de voltar para a casa, quando entraram no quarto em que me achava dois médicos, que vovó Thereza recebeu com respeitosa atenção, dizendo-me num intervalo da conversação deles, que era médicos que me vinham examinar a pedido de vovó Suzana, de nome Doutor Lisâneas e de tio André Luiz.

Observaram a ferida que me ficara da brincadeira e solicitaram de vovó Thereza me garantisse o repouso por mais alguns dias.

Penso que foram duas semanas que se passaram, quando a vovó Thereza me levou à nossa casa e encontrei meu pai chorando ao lado de minhas ferramentas. Aí vovó me contou o que se passara e fiquei muito triste por haver dado causa a tantas contrariedades. Mas, minha avó Thereza avançou nas explicações e fiquei sabendo que estava num corpo diferente, o meu corpo verdadeiro que sustentava o outro que eu havia perdido e finalizava os seus comentários tranquilizando-me ao dizer que o papai Gláucio e mãezinha Idê nada tinham contra o Juninho e que a vovó Suzana estava começando a fazer um Culto de Orações em nossa casa. E

depois eu percebi que desse culto nós poderíamos sair, a vovó Thereza e eu, para auxiliar outras crianças e confortar os doentes. Compreendi que eu havia saído de casa para que Jesus chegasse, porque ainda não havia escutado tantas histórias lindas sobre Jesus e que a própria mãezinha Idê já sabia orientar as reuniões.

Acompanhei vovó Thereza a Petrópolis, onde a vovó Suzana tem serviços de socorro para crianças e para as pessoas necessitadas.

Esqueci tudo o que me acontecera e pedi aopapai Gláucio que não chorasse mais porque eu estava feliz.

Pedi o mesmo à Mãezinha Idê e procurei falar, embora não sendo ouvido, ao Juninho, ao Carlos e a outros amigos para que fossem à nossa casa e vissem as transformações tão lindas que eu estava encontrando.

Pai, muito obrigado por seu carinho para com o meu amigo Dino Boy. Ele não teve culpa alguma e merece a sua bondade. Mãezinha Idê, estou muito contente ao saber que o seu coração de mãe acolhe meus amigos como se fosse eu mesmo. Tenho sentido muita saudade de todos, mas é uma saudade repleta de alegria, porque não estou longe de casa e a nossa casa mais iluminada pela fé em Deus não está longe de mim.

Vovó Suzana, estou muito reconfortado com os serviços que o seu carinho patrocinou para nós. Peço ao meu pai guardar as minhas ferramentas porque quando eu puder, vou continuar a trabalhar com ele em nossa oficina. Vovó Thereza está comigo colocando a mão sobre a minha mão e enviamos muitos beijos para Gláucia e Flávia, com lembranças aos nossos amigos. Vovó Suzana, mais uma vez obrigado. Aqui tenho recebido a companhia de um amigo de nome Carlos Au-

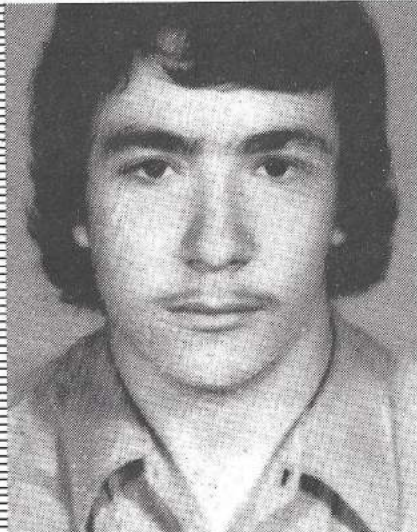
gusto e que me diz ser filho de Dona Nair, de Natal, que é sua amiga também. Vovó Thereza já me permitiu conduzi-los aos nossos cultos de oração e de trabalho na assistência.

Pai, aqui termino. Mãezinha Idê, peço a Jesus a sua felicidade, vó Suzana, Jesus abençoe os seus passos e Gláucia receba com a nossa Flávia o meu abraço.

Muito carinho e muitas saudades do seu filho que não se afastou e pertence aos meus queridos pais para sempre.”

André Luiz Cassaño Mousinho

Antonio
Alcindo Ribeiro



15 de Abril de 1956
São Paulo, SP.
25 de Dezembro de 1972
São Paulo, SP.

Antoninho, como é carinhosamente conhecido por seus familiares e amigos, era um jovem estudante de 16 anos repleto de entusiasmo pela vida e pelas atividades características de sua idade. Há tempos alugava motocicletas, contrariando seus pais e, por insistência sua, finalmente conseguiu uma. Sua família planejava uma viagem a Portugal para o dia 15 de dezembro. Porém, no dia 03, ao dirigir-se ao Salão do Automóvel, em São Paulo, sofreu um acidente em sua moto.

Por estar sem o capacete, que havia emprestado a um amigo que participaria de uma corrida, feriu gravemente a cabeça. Seus companheiros socorreram-no prontamente (era um grupo de 25 rapazes), levando-o para um Hospital.

Vários dias de internação seguiram-se e, no dia 24, pediu em oração que, se fosse para continuar neste mundo com seu corpo aleijado, que partisse. No dia seguinte, dia de Natal, exatamente às 6 da tarde, 24 horas após sua oração, ele se foi.

Antoninho enviou sua primeira mensagem por Chico Xavier e sua família, desde então, já recebeu por volta de 20 comunicações, algumas delas através de outros médiuns.

Dona Carminda, sua mãe, estava em profundo sofrimento, sem vontade de viver.

Ela diz:

“Após a mensagem, tudo mudou, posso continuar a viver. O relacionamento em nosso ambiente doméstico mudou e meu marido dá todo o apoio de que necessito.”

Dona Carminda passou a dar assistência ao Lar da Caridade, ex-Hospital do Pênfigo Foliáceo de Uberaba, dirigido pela Fundação Maria Aparecida Conceição Ferreira, e outras instituições.

Carminda dos Santos Ribeiro

Esclarecimentos sobre o texto da mensagem:

Pais: Carminda dos Santos Ribeiro e
Francisco Preto Ribeiro.

Irmãs: Maria Antonia dos Santos Ribeiro e
Rita de Cássia Ribeiro.

Sobrinho: André Ribeiro Antunes, filho de Maria Antonia.

“Querida mãezinha Carminda e meu querido pai, reuno os dois em meus braços para sentir-lhes o carinho de sempre.

Mãezinha, o Natal está povoado para nós de lembranças amargas e luminosas. Esqueçamos as amarguras que se relacionam com a minha repentina separação, à vista do acidente inevitável, e conservemos as recordações luminosas que são as de Nosso Senhor Jesus Cristo, sob cuja bondade temos vivido e viveremos sempre.

Mãezinha Carminda, não se entristeça se lhe disser que as mães são as vigas mestras do instituto da família. Pense em meu querido pai, como sendo o nosso tesouro de energias.

Do papai, temos a iniciativa, a dedicação, o trabalho constante, as contas pagas, os constrangimentos das compras em benefícios de todos em nossa casa.

Quando essa ou aquela crise aparece, quem surge em nossa lembrança, por interventor da normalidade é o papai; se alguém adocece, quem consultamos antes do médico sobre conveniências e despesas é ainda o papai; se sucede algum acontecimento desagradável, para sanar-lhe as conseqüências, o primeiro a receber o impacto das notícias inesperadas e difíceis é sempre o papai, se nos dispomos a visitar os parentes no exterior, para solucionar os problemas da viagem é o papai quem surge à nossa frente a fim de ensinar-nos o melhor caminho para o controle das situações e dos gastos...

Querida mãezinha Carminda, não podemos esquecer a providencial autoridade de um homem assim, sempre atencioso e diligente para que se faça o melhor para nós.

Peço-lhe imaginar o seu Antoninho na pessoa dele. Se ele encontra alguma demora para voltar à casa, nada reclame, se ele aparecer triste ou irritado, nada perguntemos, se ele precisa de tempo para entendimentos com amigos e clientes, deixemo-lo agir como é preciso.

Meu pai! Palavras tão belas minha mãe, que eu pronuncio com afetoso respeito.

De nada nos queixemos. O papai promove todos os recursos para que não nos falte o necessário e o extra-necessário.

Não será justo que o seu carinho de mãe e de esposa se digne a prestar-lhe a maior confiança?

Perdoe-me se lhe falo assim, mas tenho imenso amor aos dois e não poderia ocultar este meu propósito de cooperar para que a nossa felicidade prossiga inalterável. Fique tranquila e confiemos em Jesus.”

*Antoninho.
Antonio Alcindo Ribeiro*

Augusto
Cezar Neto



27 de Setembro de 1942
São Paulo, SP.
27 de Fevereiro de 1968
Suarão, Praia Grande.

Augusto Cezar Neto já é conhecido dos leitores que acompanham os volumes portadores de mensagens psicografadas dirigidas a familiares. Quase 19 anos após seu derradeiro mergulho, já enviou 10 mensagens, todas elas profundamente esclarecedoras e carinhosas, tornando-se uma referência, um ponto de apoio para muitos que já partiram e principalmente para seus pais, Yolanda e Raul Cezar, os quais, desde a sua partida, encontraram ânimo e inspiração para o trabalho de amor ao próximo através de suas palavras.

Dona Yolanda e Sr. Raul desenvolvem um intenso trabalho dentro do Espiritismo Cristão, destacando-se principalmente pelo amparo às famílias que passam pelo mesmo sofrimento que a separação prematura de um ente querido pode nos causar.

Assim fala Dona Yolanda:

“As mensagens de nosso filho nos trouxeram uma nova visão de nossas vidas, muito conforto e mais vontade de viver para uma paz de reforma íntima. Os inúmeros amigos que deixou e nossos familiares buscam com ansiedade livros que trazem notícias e esse correio fraterno só nos traz orgulho e felicidade.”

Yolanda Cezar

Alguns esclarecimentos sobre o texto psicografado:

Pais: Yolanda e Raul Cezar.

Irmãs: Zuleika Cezar Carvalho (Zuca)
Maria Otila Toscano
Marli Cezar de Almeida.

Tia: Mafalda Giudici.

Prima: Wanda Giudici Brazoventi.

Cunhado: Celso Mesquita Carvalho, desencarnado em 11 de junho de 1983.

Sobrinhos: Rita de Cássia Toscano (Ritinha) e
Celso Augusto Cezar Carvalho (Celsinho).

Mário Soltini é noivo de Rita.

Pedro de Paula Neto é um amigo presente à reunião por ocasião do recebimento da mensagem.

Ério, Jair Presente e Oscarzinho Cicuto: amigos espirituais.

Dr. Bezerra de Menezes - conhecido e amado mentor espiritual.

Lar Oficina - entidade filantrópica fundada por Dona Yolanda Cezar e um grupo de amigos dedicados ao serviço de amparo e amor aos semelhantes e a reuniões sob orientação da Doutrina Espírita Cristã.

“Querida mãezinha Yolanda e querido papai Raul, com a nossa Zuca e Celsinho, com a nossa Wanda, com o Mário, e todos os demais irmãos que compõem aqui o conjunto da prece, peço receberem o meu abraço de alegria.

Vocês todos não estranharão se me deterei na gratidão e no carinho à mãezinha Yolanda pela solenidade de ontem. Jesus reverenciado numa casa simples, sob o céu chuvoso, buscando a atenção para o “trabalhar mais”.

Mãezinha Yolanda, tivemos a primeira experiência maior fora do nosso hoje querido Lar-Oficina e tudo se processou tão bem que, imitando o nosso sábio Dr. Bezerra, mais valeria para mim ajoelhar-me para agradecer. Durante todos os dias e noites de preparação, estive ao seu lado, encorajando-a e renovando-lhes as forças.

Estou feliz com a ida de tantos amigos à nossa festa que se transformou para nós todos com Jesus, crucificado naqueles irmãos sofredores, para que nos enriquecêssemos de alegria em nossa festa de paz. O nosso Lar-Oficina passou por um teste muito importante, do qual saiu vitorioso com o atendimento a mais de 15 mil pessoas. Estamos certos de que muitos irmãos de outras comunidades estiveram presentes, mas não importa. Isso, porque o Lar-Oficina estava provido de todos os elementos necessários para responder com exatidão a quaisquer pedidos que nos endereçassem. Muitas vezes, me encontrei fixando o olhar no papai Raul, com a certeza de que ele completaria qualquer importância destinada, porventura, aos serviços que ontem colocou Uberaba sob a nossa responsabilidade.

Felizmente, tudo se processou com a calma habitual e, de nosso lado, fizemos bastante força para que todas as irmãs estivessem possuídas pela influência dos seus

Mensageiros. Fizeram muito bem, orando hoje, nesta noite, porque, embora a fadiga da maioria esteja entrando na onda de nossa mensagem simples, dificultando-nos mais clareza nas palavras, solicitei de nossos Maiores não me permitissem separar da turma, antes de expressar a todos o meu reconhecimento. O papai Raul observou com eficiência de que modo lhe gastamos a nota, às vezes graúda, a fim de realizar a festa de fraternidade em seu nome. De nosso lado, os amigos e rapazes que foram obrigados ao atendimento, especialmente das criancinhas recém-natas que nos receberam a melhor atenção.

Mãezinha Yolanda, como agradecer aos que nos auxiliaram na multiplicação dos recursos de que precisávamos para não falhar? Enterneço-me ao pensar em nossos irmãos que deixaram o lar para o serviço aos necessitados e compreendo as expressões do nosso venerável instrutor Dr. Bezerra de Menezes na mensagem de ontem. Nosso Lar-Oficina é um empreendimento novo que desenvolverá a capacidade de muita gente. Estamos todos felizes e até a minha dificuldade para escrever vem provar que estivemos todos em serviço e que não temos outro recurso senão escrever assim mesmo para dizer o nosso “muito obrigado”. Fomos nós, os companheiros da Espiritualidade, que recebemos ao invés de dar. Voltamos todos para a nossa pousada de alma leve e coração feliz.

Que o nosso Lar-Oficina prossiga para a frente construindo o bem. Crer em Jesus é muito diferente de traduzir Jesus e a nossa organização se vê satisfeita com as tarefas que nos foram assinaladas.

Papai Raul, creia que as suas benditas verbas para a mãezinha Yolanda têm sido gastas por mim mesmo.

Eu desejei que meus pais fossem pais de tantos Augustos outros que estão em penúria, aguardando mão amiga que os arrebatem à dificuldade para caminhos melhores e o senhor, papai, bem sabe que, na Terra, por trás de quem dá tanto amparo, está alguém que fornece ainda mais. Em nossos casos, esse alguém é o senhor mesmo, pai de todos os instantes e na retaguarda estão os Mensageiros de Jesus que hão de auxiliá-lo cada vez mais, para que suas mãos dedicadas estejam nas nossas. Papai, muito obrigado. Ver seu filho trabalhando com Jesus e para os tutelados de Jesus, é melhor do que vê-lo famoso no renome vazio do mundo, na condição de desportista de mérito. Saiba, papai, que o senhor é o nosso sócio em todas as iniciativas de beneficência. Mãezinha Yolanda e eu, em preces, retiramos a parte especial de seu investimento na caridade por nossas mãos e o seu coração amigo será recompensado, hoje e amanhã, na Terra e na Vida Espiritual. Estou agradecendo a todos.

Peço permissão para dizer a minha alegria ao ver nosso Pedro trabalhando conosco na Seara do Bem. O nosso Pedrinho é o irmão e amigo de sempre. Deus o protegerá, concedendo-lhe a felicidade que faz por merecer.

Zuleika, o Celso fez o possível para escrever com desembaraço, mas quem pode falar ou escrever aos entes queridos no Natal e no Ano Novo, sem emoção e sem lágrimas? Os pensamentos de amor e saudade, separação e ausência se entrecrocaram em nosso cérebro e o curto-circuito em semelhante situação se reflete no lápis ou na pena com que estivermos escrevendo.

Muitos amigos estão presentes e nos auxiliaram com valentia e carinho na noite em que a chuva parecia estar no oposição, mas não estava. Obrigada a molhar tanta

terra, não conseguia poupar-nos, no entanto, começado o serviço de ontem, na manhã cinzenta, reunimo-nos todos pedindo aos benfeitores da Vida Maior nos auxiliassem a sustar o aguaceiro, em favor das criancinhas quase desnudas e tivemos a alegria de ver que as nuvens caridosamente, ouvindo a petição de nossos Maiores, se afastaram, por todas as horas da distribuição, à maneira de ovelhas mansas obedecendo aos pastores que lhes determinavam esperar algum tempo para irrigarem o solo novamente.

O Ério trabalhou à feição de um touro em serviço, o Jair Presente animou a turma contando anedotas, o Oscarzinho agiu sem cessar de um lado para outro e muitos de nossos amigos e de nossas irmãs queridas se aliaram como se fôssem os membros de um conjunto orquestral, executando a música do trabalho.

Graças a Deus, tudo se processou do melhor modo e aqui estamos tentando agradecer.

Abraçamos ao Celsinho, a Ritinha e ao Mário, que são três esperanças para o amanhã. Trabalhar para a seara de Jesus, na idade em que se acham, é uma bênção de Deus.

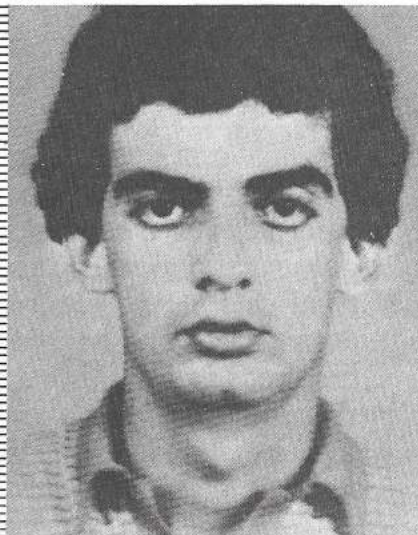
Mãezinha Yolanda, aqui fica uma página dedicada a um amigo que nos solicitou algo dizer sobre o sofrimento, página essa para nossas atividades do futuro, com o livro erguendo almas e reconfortando corações.

E agora, com lembranças à Otília e Marilu, que estiveram conosco em pensamento, peço a meu pai Raul e à querida Zuca a permissão de beijar os cabelos da criatura mais linda que eu conheço - minha mãe.

Receba, mãezinha Yolanda, com os meus agradecimentos à nossa Wanda e a tia Mafalda, todo o coração de seus filhos, sempre mais seu,

Augusto''
Augusto César Neto

Carlos Alberto
dos Santos Dias.



01 de Abril de 1958
São Paulo, SP.
19 de Junho de 1981
São Lourenço, Minas Gerais.

Carlos Alberto já é nosso conhecido pois suas três primeiras mensagens podem ser encontradas em volume anterior.*

Após o acidente de carro na estrada de São Lourenço, quando desencarnou juntamente com seu amigo Maurício José Bassi, Carlos Alberto tem sido pródigo em mais de uma dezena de recados e mensagens de carinho, esclarecimentos e estímulo, através de uma linguagem sincera e espontânea.

Este contato com o mundo espiritual revelou uma nova perspectiva de vida a seus pais que não eram espíritas e hoje unidos a companheiros de experiência semelhante, realizam o Evangelho de Lar semanalmente e participam do grupo de assistência aos menos favorecidos do Centro Jesus Redivivo da Vila Formosa.

* Correio do Além - psicografia de Francisco Cândido Xavier, espíritos diversos, Editora Cultura Espírita União, 1983 - S. Paulo, SP

“Não éramos espíritas, mas recorremos ao irmão Chico Xavier à procura de consolo. Minha esposa, muito católica, relutou a princípio. Porém, foi um encontro maravilhoso. Após o recebimento destas mensagens de nosso filho, nossa perspectiva da vida transformou-se. Freqüentamos o Evangelho de lar na casa dos amigos Wilson e Chiquinha Dellalio, pais do jovem Eduardo, e mantemos contato constante com Uberaba.”*

Antero dos Santos Dias

* Eduardo Ruiz-Dellalio — “Correio do Além” psicografia de F.C. Xavier, espíritos diversos, Ed. C.E.U., 1983 - S. Paulo, SP

Esclarecimentos sobre o texto da psicografia:

Pais: Antero dos Santos Dias
Adelaide dos Santos Dias.

Irmãos: Arnaldo dos Santos Dias
Antero dos Santos Dias Junior (Dilé)

Maurício José Bassi é o amigo que desencarnou no mesmo dia.

“Querido papai Antero e querida mãezinha Adelaide,

Parece estranho que me utilize do lápis para este pedaço de prosa, mas o dever me obriga a isto.

Venho com o Maurício tentando acordar a alegria e o entusiasmo de viver nos irmãos queridos.

É isso aí, a gente acreditava que morrer seria o esquecimento, aquele sono de papo pro ar. Mas o negócio é bem outro.

Somos questionados, inqueridos e observados à maneira de qualquer vivo de quem se reclama documentos de identificação em qualquer distrito policial. Por vezes, a memória ainda não chegou ao lugar certo da cabeça e, na hipótese de uma brecha que nos comuniquemos com as pessoas queridas, nos pedem de imediato, uma lista de nomes que, por aí, ninguém se lembraria de solicitar-nos se estivéssemos na forma comum.

O pobre do desencarnado está em muitas ocasiões ta-teando onde se encontre para conhecer com segurança o novo caminho a percorrer e há quem deseje saber se somos os chamados espíritos de luz; muitas amizades nos convocam a cada passo a fim de recolherem suposto auxílio da nossa parte para que assumamos o papel de “boys” com a obrigação de consertar a chupeta de uma criança. Há quem pergunte por que fomos vítimas de certos acidentes, como se desastres ocorressem à conta de nossa vontade e indagam dos motivos pelos quais escolhemos esse ou aquele carro para viajar com prejuízos evidentes nas lesões portadoras da morte no domínio dos engenhos físicos e, pelo menos eu, tenho o impulso de responder que não fomos nós que escolhemos o veículo e sim o veículo é que nos acertou.

É pena seja assim. Os nossos diálogos poderiam tal-

vez ser mais espontâneos e mais simples.

O cara porém, que se disponha a manifestações sobre as quais me refiro, que se cuide como quem perde o sono ou se sacrifique na própria saúde com o abuso de excitantes para não amolecer e enfrentar a onça dos vestibulares que massacram os candidatos a essa ou aquela aquisição cultural, sofrendo de quebra as inquietações da família a que pertencam.

Em vista disso estou falando hoje com esta abertura toda, mas sem dizer tudo quanto desejava exprimir.

Acontece que o nosso Naldo, ou melhor o nosso Arnaldo tem estado mais agitado na boca de espera certo de que me caberia a palavra certa nos apelidos certos minudenciando fatos e nomes de que não temos facilidade para recordar. Digam ao mano que estou presente na vida dele, mesmo que ele não queira, pois desta vez, isto é, na presente estação de vida terrestre, somos irmãos na consanguinidade e de parentes, enquanto conservarmos nomes com a solenidade que tanta gente deseja, ninguém se livra. Não quero dizer que aspiro desvincular-me dos laços com o Arnaldoca mas formulo votos para que ele não me desconheça e compreenda que não é tão fácil atirar a corda do pensamento e da palavra de um mundo para o outro.

Quanto ao nosso caro Dilé, ao que me parece, ficou satisfeito com o chamado de casa, graças a Deus. Estamos aí para o que der e vier. Prontos para trabalho e alegria, participação e luta construtiva. Peço ao nosso Arnaldo, coragem e fé, essa história de se aborrecer não cola mais pra nós.

Estamos todos unidos e reunidos na mesma quadra do time familiar

Pais queridos e amigos, muito grato por se lembra-

rem deste filhote sem asas para melhorar o ambiente de casa, tenho a idéia de que desempenhei o papel que esperavam de mim e veremos o nosso Arnaldo sorrir. Isso é importante, porque pessimismo ou descrença em gente moça é um perigo.

Diante de qualquer dificuldade o cara se mostra largado e descontente e costuma falar até mesmo em desânimo e suicídio. Que isso não suceda com os manos, não há motivos para briga.

Somos todos de boa paz e aqui estou para colocar os pingos nos i-i-is... se alguém mais se desbaratina com essa ou aquela atitude de nossa parte, que o problema nos apareça para que consigamos bater na questão com o pau da lógica porque a morte é irmã do sono e ninguém acorda pela manhã, a cada dia no mundo, com a enciclopédia na cabeça.

Mamãe Adelaide e papai Antero anotem a minha alegria e a minha confiança e que ambas se façam nossas.

Um abraço para os nossos rapazes meus irmãos e amigos e aqui lhes dou, de ponta cabeça aquele beijão, que a pessoa só consegue articular depois de longa ausência; e já que nos inquietamos por nomes e lembranças aqui me subscrevo com o apelido com que a tia Nair Fortunato me presenteou.

Sempre o filho agradecido e amigo,

“BETO”

Carlos Alberto dos Santos Dias

Cláudia
Pinheiro Galasse



25 de Julho de 1964
São Paulo, SP.
09 de Setembro de 1982
São Paulo, SP

Aos dezoito anos, Cláudia era uma jovem linda, meiga, atenciosa, amada por seus pais, irmãos e amigos. Cursava o 2º grau no Colégio Galileu Galilei, onde teve oportunidade de desenvolver estudos e trabalhos ligados ao seu interesse pela defesa ecológica. Envolvia-se em campanhas filantrópicas, conquistava amigos e adeptos.

Foi muito difícil aceitar o incompreensível gesto que a levou à destruição de seu próprio corpo físico, através do disparar de um gatilho.

Cláudia enviou, até agora, oito mensagens e assim pôde esclarecer o que se passou naquele momento, contando de sua angústia e melancolia no instante de fraqueza e de sua situação atual em que, recebendo o amparo espiritual e as orações de todos os amigos, pode hoje trabalhar a benefício de outros. É sobre este trabalho o tema da mensagem aqui publicada.

São estas as palavras de Dorothy e Antonio, seus pais:

“Cláudia diz que está em nossas instruções, mas cremos que nós é que estamos sendo instruídos e intuídos por ela. Com suas mensagens, todos os parentes e amigos se uniram à Doutrina Espírita.

Inspirou-nos a trabalhar com muito mais amor e carinho em favor das criancinhas e do Espiritismo Cristão. Suas palavras não só nos trazem conforto, mas trazem a própria filha conversando conosco, falando das coisas do passado, do presente e nos dando força e coragem para o futuro com Jesus; a vida continua, somos eternos na vida e perante Deus. Sua mensagem foi o sol que nos aqueceu o corpo frio e iluminou as trevas das dúvidas, foi o ar cálido e puro quando estávamos sufocados pela dor, o mar de bênçãos lavando nossa alma, e ainda mais o sopro de amor e misericórdia de Deus, tudo isso através desse ser que é Chico Xavier.”

Dorothy e Antonio Pinheiro Galasse

Esclarecimentos sobre o texto da mensagem:

Pais: Dorothy Galasse e Antonio Pinheiro Galasse.

Irmãos: Mônica e Antonio Pinheiro Galasse Jr.

Wagner é namorado de Mônica.

Rosa Bruno é a bisavó desencarnada em 1974.

IDEAL - Grupo Assistencial de Ideal Espírita, dedicado ao amparo às famílias carentes.

“Querida mãezinha Dorothy, estou com a vovó Rosa neste recanto de paz e oração, a fim de abraçá-la com o meu pai Toninho.

Posso dizer-lhe, mãe querida, que a sua Cláudia está seguindo para diante, sem aquela melancolia que, de vez em quando, me atacava sem que eu quisesse. Estou amadurecendo na experiência da vida e lamento não tê-la compreendido tão bem como seria de desejar.

Mamãe, estou a serviço de crianças amparadas pelo Ideal, crianças desencarnadas que os nossos guias ali instruem para que se refaçam.

Desejo que você saiba que estou em suas instruções. Muito amor, toda a assistência possível, carinho constante e nada de perguntas indiscretas.

Lembro-me de que esse foi sempre em nossa casa o seu esquema de todos os dias e espero que esse roteiro dará certo com os pequeninos sob a minha guarda.

Auxiliem-me com as suas preces e com seus pensamentos de paz.

Mãe Dora, a felicidade é fazer os outros felizes.

Admiro-me de não ter enxergado essa diretriz em sua atitude para conosco, mas guardo a certeza de que a Mônica saberá valorizar o tesouro de seu carinho e a riqueza de seu amor. Ela e o Wagner estão com boas razões para sugerir ao irmão o melhor caminho e as melhores companhias para acertar com a vida. Peço dizer à querida irmã que ela está agindo acertadamente.

Quero abraçar a meu pai Toninho por todo esse amor com que nos faz tão ricos de felicidade e para o seu coração querido todo o coração de sua filha, sempre mais sua.

Cláudia Galasse”

Cleide Aparecida
Rodrigues de Almeida



11 de Agosto de 1959
Campinas, SP.
19 de Fevereiro de 1980
São Paulo, SP.

Cleide, aos 20 anos, trabalhava como recepcionista da WEA Discos Ltda e preparava-se para entrar em uma faculdade de jornalismo.

Fortes chuvas desabavam sobre São Paulo, mas ela não poderia imaginar que o Rio Tamanduateí, cujo leito ultrapassava seu curso normal, pudesse estar tão voraz.

O automóvel em que estava foi tragado pelas águas e Cleide partiu deste mundo.

Estas são palavras de sua família:

“O desencarne de nossa Cleide foi um tremendo golpe para todos nós. Sua mensagem nos trouxe uma nova motivação para viver. Saber que tudo continua e que ela está sempre nos ajudando e dando força espiritual é um enorme conforto e motivo de muita alegria.

É um ponto de partida para novos conhecimentos e novas realizações no auxílio aos nossos irmãos mais carentes.

Agradecemos a Deus e ao nosso querido Chico Xavier por tudo de bom que a mensagem de nossa Cleide trouxe para toda a família”.

*Maria Aparecida e Jorge
Rodrigues de Almeida*

Esclarecimentos sobre o texto da mensagem:

Pais: Maria Aparecida Almeida e
Jorge Rodrigues de Almeida.

Irmãos: Cleusa e Cláudio de Almeida.

Nelson Castro Dantas: amigo de trabalho que desencarnou no mesmo acidente.

Tio em segundo grau - José Peroba dos Santos.

Padre Victor de Três Pontas - Pe. Francisco de Paula Victor, já desencarnado.

Sonia e Crislene - amigas de Cleide.

Vovó Maria Margarida da Conceição - bisavó já desencarnada.

“Querida mamãe Cida e querida Cleusa,

Estou aqui nestas linhas tentando identificar-me com vocês, nas mesmas preces em que rogamos a bênção de Deus, em auxílio a nós todos.

Compreendo que o desejo de intercâmbio que lhes move os pensamentos será motivado pela mesma causa através da qual venho a vocês para afirmar-lhes que estou melhor.

Aquela terça-feira de carnaval, para nós, foi realmente uma noite de redenção pela dor.

Quando nos afastamos de casa para alguns minutos de entretenimento, ignorávamos que nos púnhamos a caminho de um ponto alto de vossa vida espiritual.

A Terra física apresenta dessas surpresas.

Por vezes, a criatura mentaliza a ausência rápida no rumo de uma festa, desconhecendo que segue instintivamente ao encontro da morte.

Não digo isso por pessimismo, falo de outro ângulo da vida, reconhecendo que a morte do corpo é simples mudança.

Entretanto, não consigo reportar-me ao acontecimento fora dos padrões de entendimento que regem as nossas opiniões em família no plano físico e por isso, rogo não só à mãezinha, a meu pai, à Cleusa e Cláudio para que não choremos senão de reconhecimento a Deus pelo fato da vida não nos cercear a necessidade do resgate de certas contas que jazem atrasadas no livro do tempo.

É verdade que o nosso veículo rodou do asfalto da rua para o curso do Tamanduateí, compelindo o nosso amigo Nelson e a mim própria à desencarnação violenta, mas é possível imaginar que os automóveis de hoje substituem as carruagens de ontem e sempre existiram

perigosos cursos d'água, sobre os quais muitos delitos foram cometidos e ainda são perpetrados até hoje por espíritos que se fazem devedores perante as leis Divinas.

O companheiro e eu estávamos empenhados a certa dívida do pretérito que, pela misericórdia do Senhor, fomos chamados a ressarcir, em nosso próprio benefício.

Deixo aos familiares queridos o trabalho de complementarem por imaginação o que me proponho a dizer e volto a assegurar-lhes que estou satisfeita, conquanto as saudades que são luzes inestinguíveis no coração.

Felizmente, com o auxílio dos amigos do tio José e do nosso benemérito Padre Victor, conseguimos observar o Nelson reintegrado espiritualmente na equipe familiar a que pertence.

E as amigas Sônia e Cristina já se descartaram das recordações amargas da noite em que se fizeram de novo ao solo, já que o nosso débito não as envolvia.

Deus as abençoe nas tarefas em que se encontram e conserve a nossa casa repleta de paz e esperança que, por mercê de Deus, já nos permitimos usufruir. A vovó Maria Margarida e o tio prosseguem na mesma dedicação com que me acolheram e desejo noticiar-lhes que após a retirada de meu pobre corpo das águas à frente do santuário de Pirapora, fui conduzida a tratamento, e os amigos de nosso pessoal solicitaram ao médico Dr. Augusto Silva, que brilhou em Lavras, me dispensasse os cuidados de que me via carente.

Graças a Deus e à intervenção de tantos afetos sinto-me encorajada a retomar o trabalho que me espera e no qual conto com a possibilidade de ser útil aos nossos companheiros necessitados ou mais necessitados do que nós mesmos.

Quem sabe guardarei atribuições de colaborar em auxílio de quantos se dirigem para as festas do Mundo? Penso de mim para comigo que será esse um nobre encargo no qual encontrarei o meu campo de partida para novos conhecimentos e novas realizações.

Nesse sentido, querida mamãe Aparecida, continue orando em meu apoio.

Devo tanto às preces de casa e às vibrações de amor que o lar me endereça que não vacilo em pedir as intercessões, junto à nossa Cleusa, para que me fortaleça e abrace os meus novos deveres com alegria.

Aqui termino com a idéia que não lhes escrevi como desejava e sim como pude.

Estou reconhecida à compreensão e à generosidade com que interpretaram a provação que me abriu passagem para a vida diferente em que me encontro agora e peço a Deus os recompense a todos.

Querida irmã do coração, receba o calor de meu afeto invariável, com lembranças a todos os nossos.

E para a querida mãezinha Cida, deixo nestas páginas todo o carinho e toda a gratidão da filha que lhe deve tudo de melhor que traz na própria alma, sempre a sua filha e companheira de todos os instantes.

Cleide Aparecida Rodrigues de Almeida."

Ivan
Antonelli Zakaib



07 de Outubro de 1964
São Paulo, SP.
26 de Junho de 1981.
São Paulo, SP

Ivan, aos 16 anos, era um jovem sadio, alegre como é próprio aos adolescentes, cursava a 2.º série do Colégio Anglo-Latino. A maneira brusca e repentina como desligou-se deste mundo causou um choque inesperado a toda sua família e amigos. Rompeu-se um aneurisma cerebral de maneira fulminante e Ivan foi encontrado por seu pai, caído no banheiro de sua casa.

Menos de dois meses após o desencarne, ele enviou sua primeira mensagem e seguiram-se outras, com intervalos de 4 a 6 meses entre cada uma, perfazendo até hoje mais de uma dezena.

O teor de suas mensagens é de um alto nível de compreensão e sabedoria, oferecendo não só conforto e alento aos parentes e amigos pela notícia que oferece de suas condições, mas também pelos conselhos e esclarecimentos.

Estas são as palavras de seus pais:

"Todas as mensagens, cada uma a seu modo, nos trouxeram alento, conforto, lições, exemplos e diretrizes a seguir. Somos gratos a Jesus pela oportunidade, que nos chegou através da dor, de procurarmos uma maneira de servir, dentro de nossas pequenas possibilidades. Veio a inspiração para o auxílio ao próximo, encontrando no semelhante, o filho afastado de nós fisicamente.

Só posso dizer do nosso agradecimento ao nosso bondoso discípulo de Jesus, Chico Xavier, que nos permitiu, através desse intercâmbio espiritual, que retornássemos à vida, de vez que para nós tudo parecia acabado para sempre.

Jesus o proteja sempre".

Elenice e Abrahão Zakaib.

Esclarecimentos sobre o texto da mensagem:

Pais: Elenice Antonelli Zakaib
Abrahão Zakaib.

Irmãos: Márcio e Fábio, mais novos que Ivan.

Tia Yolanda - por parte de mãe, desencarnada em 05 de fevereiro de 1978.

Avô Jorge - por parte do pai, desencarnado em 08 de março de 1960.

“Querido papai Abrahão e querida mamãe Elenice, Estamos unidos na mesma faixa de amor e esperança.

Muita gente afirma que o amor precisa sempre de se confirmar em manifestações incessantes e com alegria é que lhes digo que a minha situação é a melhor possível. O papai Abrahão, de quando em quando me interpe-la: “Diga, filho, porque sofremos esta provação, porque Deus chamou por você assim tão cedo...”

Pai querido, a permanência no mundo físico é de curta duração. Em qualquer tempo em que nos viéssemos a separar, para nós seria demasiado cedo. Não somos porém, donos exclusivos de nossas vidas, e as Leis de Deus funcionam sem que lhes saibamos elucidar os mecanismos de ação. A tia Yolanda, que se transformou para mim em professora dedicada e operosa, me esclarece que muitos de nós saímos da Terra mais cedo do que esperávamos, ao modo de balizas, cuja função será, sobretudo, a de apontar o caminho aos entes queridos que ficaram. Diz ela que quase todos os grupos familiares possuem agentes de vanguarda, burilando corações para o reencontro em que nos reuniremos todos para louvor a Deus. Peço à mãezinha Elenice, me auxilie a extirpar de seu pensamento a idéia de que teria sido um pai severo demais com o seu filho chamado à Vida Espiritual.

Papai Abrahão, a sua bondade nos concedeu tudo de melhor, e os seus conselhos foram avisos que me livraram de muitas dificuldades que me prejudicariam na certa. Eu também ignorava fosse portador do chamado aneurisma que terminou por abater-me na cena final de meu papel reduzido no palco da existência humana. A demora de alguém no mundo é semelhante à

necessidade da criatura de estar presente no grupo a que pertence. Esta idéia que me foi transmitida pela tia Yolanda, me aclara e reconforta.

Quantos se retiram do mundo em pesados atritos fora do lar? No entanto, tive a bênção de me desligar do corpo denso, no banheiro, sem maior trabalho para os meus e para mim.

Sei que foi desagradável para o seu coração paterno, apanhar-me à maneira de um trapo imóvel, no recanto mais íntimo de nossa casa, mas isso papai Abrahão, foi bondade de Deus para conosco.

Não se recrimine por acontecimento algum; se as nossas posições estivessem na forma inversa, se fosse eu o pai a segui-lo de perto, creio que teria sido mais exigente. O senhor foi sempre e continua sendo o nosso melhor companheiro. Fábio, Márcio e eu mesmo, encontramos em seu carinho, o irmão abençoado de nossas vidas, antes de ser o pai que sempre nos desejou no melhor caminho...

Se pudesse seria eu um braço permanente em seus dias, afirmo de inocular-lhe a certeza de quanto amor em minha estrada renovada de ontem e de agora. Venho pedir-lhe alegria de viver, aceitação dos desígnios de Deus, sem qualquer idéia de que a existência nos poderia ser outra, porque seria isso impossível.

Uma parada cardíaca de alto teor, sem retirar-me do corpo denso, seria a minha prisão no leito ou na cadeira de rodas, por tempo indeterminado, com a suspensão das minhas faculdades para uma vida normal. Imagine, meu pai, o amor infinito de Deus para conosco, arrancando-me à condição de encarcerado em que estaria em verdadeiro suplício.

O avô Jorge veio hoje em minha companhia e lhe pe-

de somar as bênçãos que temos recebido. Basta a verificação de algumas das parcelas de nossa felicidade familiar, e os queridos pais concluiriam conosco que me sucedeu o melhor, de vez que um aneurisma é um adversário oculto, refugiado ao nosso controle e às nossas possibilidades de tratamento.

Adversário que já nasce conosco, para atuar em tempo hábil... Esse tempo hábil foi a hora de minha reclusão no banheiro para a despedida que, na essência, não é nenhum adeus... E a prova disso é que estou aqui neste abençoado telégrafo para comunicações ao vivo... Pais queridos, entendam isso comigo para que me veja mais tranquilo. Papai Abrahão, em suas andanças de amigo, em contato com a natureza, peço me procure mais no verde das árvores, do que nas águas de suas reflexões, nas quais o seu pensamento se detém a buscar-me com lágrimas ocultas. Procuremos viver, agradecendo a Deus os tesouros de nossa união e de nossa fé viva e sejamos felizes, acariciando a esperança do reencontro, não à força, mas quando a existência se lhe transforme no entardecer tranquilo do lavrador que descansa de consciência feliz depois de valioso dia de trabalho e suor.

Mãezinha Elenice, auxilie-me com a sua palavra de paciência e persuasão.

Os irmãos queridos estão aí a solicitar-nos assistência e cuidado.

Estejamos contentes, prosseguindo na tarefa de entender a nossa família do nosso recanto doméstico. Outros sofrem problemas e provações muito mais difíceis que a nossa.

Reflitamos nisso e caminhemos para diante fazendo o nosso melhor, aquele melhor em que se nos faz possível transformar a própria vida a benefício das vidas que

nos cercam.

Com estes novos propósitos, aqui se despede por agora o filho e companheiro de sempre, que reúne a mãezinha Elenice e o papai Abrahão nos melhores sentimentos, sempre o filho e amigo de todos os momentos,

Ivan Antonelli Zakaib."

João
Vaccari Neto



23 de junho de 1959
São Paulo, SP.
14 de maio de 1983
São Paulo, SP.

João, cujo nome é uma homenagem a seu avô, que também nascera na noite das festas a São João, desde os quatorze anos começou a participar das atividades da empresa de seu pai.

Inteligente e aplicado, foi chamado na primeira lista dos exames vestibulares nas Faculdades Metropolitanas Unidas, Faculdade de Guarulhos e Universidade Mackenzie.

Cedo entrou em contato com a natureza e os esportes. Gostava principalmente de nadar, esquiar, praticava pesca-submarina e tinha brevê de piloto privado. Mas o motociclismo era sua maior paixão.

Ao preparar-se para um festival em São José dos Campos, S.P., no dia 07 de maio de 1983, após os treinos, João resolveu dar mais uma volta pelo percurso. Ao passar por um pequeno obstáculo, caiu ao chão; o capacete pressionou sua cabeça. Uma semana depois desencarnava.

*Estas são as palavras de Sr. Américo, seu pai:
"Desde criança, João foi meu braço direito no trabalho, na ajuda assistencial ao próximo e nunca media dia, hora, distância, para tal. Sua mensagem vem reforçar tudo isso que sempre foi norma cristã em seu lar.*

Ele vive intensamente. É um espírito de luz sem drama de consciência. Aprende, trabalha, irradia amor, fé, esperança sob as bênçãos de Jesus. Tem liberdade em suas ações e disciplina.

Sua mensagem foi e é para nós o farol bendito que guia nossa nave no mar revolto desta vida, para um porto seguro que se chama: Jesus. E o nosso querido Chico Xavier está sempre ali, atento, zeloso, horas, dias, meses, anos, no Farol como guardião de Jesus, para que a luz não se apague nunca para outras embarcações desesperadas no mar revolto desta vida."

Américo Vaccari

Esclarecimentos sobre o texto da mensagem:

Pais: Julieta Benvenuti Vaccari
Américo Vaccari.

Imã: Ivete Vaccari Menegazzi.

Cunhado: Roberto Serafim Maciel Menegazzi.

Sobrinha: Karina Vaccari Menegazzi.

Bisavó materna: Júlia Baroni, desencarnada em 1955.

Tio-avô materno: João Benventuri, desencarnado em 1975.

A casa do Ideal a que João se refere é o "Grupo de Ideal Espírita Antonio Nunes", que tem como um de seus membros Orlando Moreno.

“Querida mãezinha Julieta e querido papai Américo, Abençoe-me. Entendo o nosso processo de carência afetiva.

A saudade nunca trabalha de um lado só no campo da vida e aquela minha aventura em nosso treinamento para o moto-cross não me transformou os sentimentos.

Creiam que para mim é difícil não me fazer piegas, à feição de um menino chorão, para afirmar-lhes a extensão de meu afeto, mas é preciso bancar o durão e seguir adiante.

Julgo que basta a minha confissão de saudades para que me reconheçam no desejo de aceitar e de renovar-me em tudo quanto possa ser útil aos que mais amo e aos nossos irmãos outros da humanidade.

Sempre busquei identificar-me com a necessidade de renovação e progresso e se a moto não conseguiu me auxiliar mais do que me auxiliava, isso naturalmente se deve às Leis de Deus que, em meu ponto de vista, de quando em quando nos oferece a prova de separação, a fim de saber em que graduação se encontra a nossa aparência de servir e de amar.

O tio João Benvenuti me aprecia com muitas elucidações a respeito da vida na Terra e no Plano Espiritual, e com a sempre querida vovó Julia encontro uma espécie ^{de} xerox da nossa casa feliz.

Mãezinha Julieta, peço-lhe dizer à Ivete que não a esqueci, nem ao cunhado Roberto e nem à minha sobrinha Karina que conservo por tesouros de meu coração.

Às vezes, abstendo-nos de registrar os nomes das pessoas queridas, damos a idéia de espírito desmemoriado, quando não é assim, é que o número dos familiares e colaterais é tão extenso que nós registramos a condensar na palavra “nossos”, todos aqueles que nos povoam as melhores recordações.

Tenho feito o possível para acompanhar os queridos pais nas reuniões de estudos na casa do “Ideal” onde a amizade de nosso companheiro Orlando Moreno se fez tão precisa para nós, confesso-lhes que tenho assimilado as lições conjugando-as com os apontamentos do tio João e tenho a idéia, sem pretensão, de que estou progredindo um tanto no mínimo, no máximo que devo aprender.

Tenho igualmente os meus amigos de nossos campeonatos de corridas em moto seguras e estilizadas e não posso deixar de servi-los ainda que seja em migalhas de colaboração.

Mãezinha Julieta, não me sinta ausente.

Acontece que a amizade, para ser o sentimento que deve ser, precisa fazer as melhores contas de divisão e enquanto sempre mais amor aos pais queridos e aos queridos irmãos Ivete e Roberto, multiplicando os meus votos pelo bem estar de todos os meus, e tentando subtrair quando possível as minhas imperfeições de rapaz, a caminho da maturidade espiritual, cabe-me a obrigação de dividir os meus pequeninos préstimos com os meus companheiros que ficaram.

Penso haver explicado porque não escrevo à família tão frequentemente como desejo, mas em espírito e coração estou sempre ligado à mãezinha Julieta e ao papai Américo, escorando-me nos exemplos de trabalho com que me enriquecem a vida.

Queridos pais, o tio João diz que já fui tão preciso quanto me seria possível e aqui termino com o ponto final desejando ser letra de começo.

Não posso, porém abusar dos nossos anfitriões e rogo-lhes receber com a Ivete, com o Roberto e com a Karina, o mesmo carinho repleto de saudades, do filho, irmão e tio que lhes oferece o próprio coração.

João Vaccari Neto

Luís
Eduardo Cacciatore



05 de Março de 1970
São Paulo, SP.
12 de abril de 1984
São Paulo, SP.

Luís Eduardo cursava a 8ª série do Colégio Anglo-Latino, e destacava-se por seu desempenho, estando entre os primeiros colocados de sua classe. A leucemia linfóide aguda que provocou seu desencarne nunca foi usada para faltasse às aulas ou sequer o impediu de gostar e praticar esportes pois esquiava e jogava hóquei sobre patins.

Seus amigos ficaram chocados com sua partida e Luís Eduardo foi homenageado na cerimônia de formatura de sua turma.

A família de Luís Eduardo não era espírita mas logo que ele desencarnou seus pais pensaram em procurar Chico Xavier.

Luís Eduardo foi cremado numa sexta-feira e no domingo, levada por uma vizinha, dona Niltes, sua mãe, entrou em contato com dona Yolanda Cezar (mãe de Augusto Cezar Neto, página 30) a qual orientou seus passos até Chico Xavier. Luís já enviou quatro mensagens.

Estas são as palavras de Dona Niltes.

“A mensagem de nosso filho nos devolveu a vontade de viver pois, para nós, parecia que o mundo desabava.

Começamos a trabalhar na assistência ao próximo carente, fazendo tudo que nos é possível, com grande prazer e amor. Sinto-me feliz quando estou neste trabalho. As palavras de Luís são uma convocação às pessoas para que se ocupem e não fiquem com as mãos desativadas, perante tanto trabalho a fazer em prol dos necessitados.

Queremos agradecer a Jesus e ao grande médium Francisco Cândido Xavier, que, através de sua candura, nos presentou com a primeira mensagem naquele dia memorável, dando-nos a certeza de que a vida continua, que nosso filho hoje encontra-se em um lugar maravilhoso, um mundo limpo e honesto, onde todos trabalham por uma causa em comum, que é ajudar sempre o próximo em desespero”.

Niltes Aparecida Pinelli Cacciatore.

Esclarecimentos sobre o texto da mensagem:

Pais: Niltes Aparecida Pinelli Cacciatore e
José Fernando Cacciatore.

Irmão: Luciano Cacciatore.

O amigo é Augusto Cezar Neto (vide página 30) que conheceu no plano espiritual, filho de Yolanda Cezar.

O avô João Hygino Pinelli, pai de Niltes, desencarnou em 14 de novembro de 1951.

“Querida mãezinha Niltes,

Associo o papai Fernando e o nosso Luciano às saudações que formulo ao abraçá-la. Mãezinha Niltes, depois de tantas complicações, processos e retrocessos no corpo doente, a minha alegria é de lhe reafirmar os meus agradecimentos, porque em verdade, só as mães conseguem viver no milagre do trabalho incansável, junto a um filho doente.

Se eu amava aos meus pais, quando em criança, presentemente esse amor é muito maior, porque o sofrimento me forneceu a medida do caminho e da abnegação dos pais que Deus nos concede, através da vida. Creio sobretudo, que ser mãe é sofrer constantemente na casa da esperança e chorar quando os filhos sofrem, ansiando tornar-lhes a dor para si própria, transferindo-se em guardiãs de nossa segurança e de nossa felicidade. Sinto-me feliz ao pensar que aqueles dias e noites se foram com o arquivo das horas, marcadas de inquietação e que hoje sobra para nós a alegria de colaborar para que o sofrimento de tantos filhos doentes seja minimizado com as migalhas de amor que lhes possamos oferecer.

Mãe querida, trabalhe sempre nessa causa bendita de amparo voluntário aos que atravessam provocações que não conhecemos.

A possibilidade de estender o bem ao próximo, pelas maneiras justas que nos façam possíveis, é um privilégio e digo assim porque hoje vejo tantas mãos disponíveis para a seara do bem, desativadas nem sei porquê. Não estou fazendo qualquer apreciação crítica, porque não disponho de qualquer autoridade para isso, mas pelo discernimento natural que a vida nos coloca na cabeça, experimentamos o sonho de ver todos os companheiros e companheiras da Terra, unidos no mesmo propósito

de ampliar o bem para os outros, sem qualquer preocupação por recompensas.

Feliz de você, querida mãezinha Niltes, que despertou para o trabalho do amparo aos nossos irmãos do caminho, antes que a doença viesse acordá-la. Digo assim, porque o doente fui eu, sequioso de energias para agir e fazer o bem, quando isso já não mais se me fazia possível.

Mãezinha, estamos nas preces comemorativas da libertação do nosso amigo Augusto e é com muita alegria que falamos aqui da transferência de um amigo da Terra para a Espiritualidade. Parece que estamos numa festa, que poderíamos nomear por “Festa da Saudade sem Lágrimas” e agradeço à mãezinha Yolanda haver incluído o seu nome na lista de nossos excursionistas.

Meu abraço ao papai José Fernando e ao Luciano. O querido avô João Hygino está conosco e se associa ao nosso encontro espiritual.

Com os meus agradecimentos por todas as bênçãos que tenho recebido de seu amor, com a devoção filial de sempre, sou o seu filho e companheiro de sempre.

Luís Eduardo Cacciatore.”

Luiz
Ricardo Maffei



24 de fevereiro de 1957
Sorocaba, SP.
21 de abril de 1983
Sorocaba, SP.

Luiz Ricardo, um jovem engenheiro eletrotécnico, faleceu de lupus agudo quando contava com 26 anos. Sua família é espírita há longa data: o dia 21 de abril de 1983, data de seu desencarne, coincide com os 27 anos de matrimônio de seus pais Maria José e Lourival, 10 anos que haviam se tornado espíritas e 33 anos que haviam se conhecido.

Apesar de todo conhecimento e compreensão, Lourival frequentemente encontrava-se em profunda depressão e a mensagem de Luiz Ricardo pode explicar as razões cósmicas dessa depressão e angústia, que atingem a humanidade em geral, oferecendo fontes de libertação.

A mensagem que publicamos a seguir é a 9ª de uma série de 13 mensagens. É interessante observar os relatos que faz em textos anteriores sobre seus estudos de grego e aramaico, a fim de entender o sentido de muitas das palavras pronunciadas por Jesus e que constam dos Evangelhos. Relata-nos cenas do Cristianismo Primitivo, em que “os seguidores de Jesus complementavam seus cultos do Evangelho com o trabalho manual para os remanescentes das vítimas das grandes perseguições”, sugerindo que “todas as casas ligadas ao nome de Jesus deveriam possuir o seu próprio recanto de trabalho para vestir os nus e alimentar os infelizes”.

*Estas são as palavras de seu pai, Lourival:
"As palavras de Luiz Ricardo mostram-nos a
excelente condição em que se acha, indicando a
todos nós perspectivas do presente e do futuro a fim
de que tenhamos bom ânimo na alegria do viver.
Tem sido profundamente reconfortante termos nosso
filho sempre presente, na certeza de sua elevação
espiritual. Somos eternamente gratos ao amigo Chico
Xavier".*

Lourival Maffei.

Esclarecimentos sobre o texto da mensagem:

Pais: Maria José Neves Maffei e
Lourival Maffei.

Irmão: Mário Sérgio Maffei.

Através do Decreto nº 5.078, de 15 de Julho de 1985, o Prefeito Municipal de Sorocaba
— Flávio Chaves — denominou Rua Luiz Ricardo Maffei a uma via pública da cidade.

Meu querido papai Lourival e querida mãezinha Maria José, o Senhor nos abençoe.

Papai Lourival, peço-lhe alegria de viver e contentamento de confiar. Acompanho os seus pensamentos de solidão e desejaria vê-lo mais otimista, tanto quanto a mãezinha Maria José, atualmente um tanto pessimista, quando o meu trio (eu, papai e Mário Sérgio) espera o conforto que dela lhe possa enviar. Vejo em meus pais queridos a soma de duas tristezas que na equação é quase desespero. Tenhamos confiança. Estamos diante de um futuro imenso... Papai, somos hoje remanescentes de muitas épocas transcorridas. Inegavelmente condicionados à estrutura do cérebro físico, não nos será possível na terra, reconstituir o passado integral. Não suportaríamos semelhante empreendimento. O pretérito ficará, em nós, na forma de tendências que nos advertem quanto à necessidade de aperfeiçoamento das qualidades positivas que trazemos inatas e que precisamos burilar. Tudo muito vagarosamente, sem afronta ao espírito de sequência à evolução. Somos aí no mundo compelidos a viver e conviver com os outros na base do respeito às idéias que os outros possam suportar.

Ainda que algum conhecimento nos aflore ao discernimento aos tempos já vividos, é imperioso que saibamos guardar essa bênção com cautela, a fim de não causarmos preocupações aos demais.

Agora posso dizer-lhe, querido papai, que tenho realmente efetuado reconhecimentos, em companhia de alguns poucos aprendizes, inclinados a essas explorações proveitosas, aliando o nosso campo inconsciente ou semiconsciente aos lugares e situações que nos procederam o hoje que estamos vivenciando.

Circulando nós entre israelitas e romanos, durante

muito tempo, tenho visitado regiões que de há muito tempo para cá aspirava reconhecer. Tudo isso, no terreno dos estudos, ocorre à base de revisão dos quadros que trazíamos na memória. Revendo as telas movimentadas que nos são desdobradas à vista por instrutores eficientes, os fatos nos falam com tamanha eloqüência que nos admiramos do mundo atual usufruir tantas vantagens e riquezas com uma quota de sofrimento que consideramos minimizada pela Misericórdia Divina, à face das causas delituosas que geraram ontem as dificuldades de agora.

Quando me refiro a hoje, ontem e agora, reporto-me a tempos longos e por vezes tão distantes do nosso entendimento humano que seria descaridade enumerar. Consegui demorar-me por alguns dias em Israel e países limítrofes, quais a Síria, o Egito e a Jordânia e compreendi quanto progresso temos alcançado quanto às facilidades da civilização. As guerras antigas foram cruéis em demasia para com os vencidos, sempre argolados ou marcados na condição de escravos com seus próprios descendentes para o resto da vida e, por vezes, por várias gerações...

Vi batalhas civis no Egito dos faraós, durante as quais, por bagatelas, o Nilo se cobria de cadáveres insepultos, entregues à sanha de crocodilos vorazes...

Babilônia era outro centro de iniquidade que o pensamento moderno não pode conceber. O devedor insolúvel era entregue a fúria dos credores que os transformavam em alimárias. Muitas mulheres, que hoje consideramos por senhoras respeitáveis dos nossos grupos sociais, tinham os olhos vasados à ponta de ferro esbraçado para trabalharem a roda de moinhos de trigo, sem possibilidade de enxergar o que faziam e o que se passava.

Na Grécia antiga, lobriguei quadros de cultura e devassidão de tal modo estranhos que não sei de que maneira seriam considerados em qualquer cidade do mundo atual. A beleza dos conceitos de Sócrates e Platão contrastava com uma licenciosidade que poderíamos classificar por demoníaca, especialmente quando os povos vizinhos entravam em conflito uns com os outros.

Em Roma vi o direito nascer, inspirando leis que são preservadas até hoje, no entanto, ao mesmo tempo, os costumes da maioria das criaturas daquelas épocas recuadas, em que a adoração a Júpiter precedeu os éditos de Constantino, nos dias de agora seriam absurdos, credores das mais rigorosas punições. As perseguições contra os cristãos se caracterizavam pela mesma perversidade com que os soldados romanos humilhavam e espoliavam cidades indefesas, criando províncias à custa de sangue e lágrimas.

Tal devassidão dos dias a que nos referimos que a chamada Capital do Mundo se transferiu para Constantinopla, onde os mesmos disparates se repetiriam.

Em Jerusalém vi a força violenta do dogmatismo contra a mensagem do Cristo e o pavor tocar, mesmo espiritualmente, aqueles escombros da iniquidade que dominava em torno do Tempo de Salomão, até que Tito, em sua fúria, e de seus assessores, destruísem a cidade reduzindo-a a um montão de cinzas.

Que poderia fazer Jesus contra o peso esmagador das leis e princípios que comandavam a vida em seu tempo? Fala-se que o Divino Mestre tomou para companheiros pescadores e homens iletrados, de modo a tê-los por intérpretes de sua causa, mas isso aconteceu porque as inteligências privilegiadas da época repeliam qualquer sentimento de bondade e humildade, tolerância e

perdão. A única saída para se livrarem de um rabi que ensinava a paz em meio de tantos ódios e exaltava o amor ao próximo onde o egoísmo era a atitude de todos, a única maneira de se libertarem dele não foi outra senão a cruz dos malfeitores.

Eu não sei com que sofrimento teria Jesus observado a ignorância dos homens e a ferocidade dos princípios que os moviam, quando penso nele isolando-se no deserto de Negueb a fim de meditar ou quando se entregou à oração ao pé das Oliveiras, decerto meditando na quantidade de seres humanos que tombariam no martírio, depois que ele desaparecesse da face daqueles que lhe odiavam as idéias de fraternidade e concórdia.

Como vê, querido papai Lourival, não há tempo para depressões porque estamos nos melhores dias da Humanidade, conquanto se ignore, até mesmo aqui, o que farão os homens da atualidade da pletora de armamentos que eles criaram para a destruição de si mesmos. O Espírito Súblime dos Arautos do Cristo, numa espécie de diplomacia celeste, está influenciando nas superpotências da atualidade para que as dívidas do passado terrestre não sejam pagas de modo brutal, como talvez queiram os mais afoitos, entretanto a realidade é que o mundo chegou a tal ponto de compromissos desprezados que nada se pode prever para o Grande Amanhã.

Desculpe-me a digressão, mas falando a meus pais, dirijo-me a todos para que nos unamos em Jesus Cristo para seguir com a paz possível, ao encontro do futuro.

Querida mãezinha Maria José, envio um abraço ao querido Mário Sérgio e lembranças a todos os nossos.

Papai Lourival, continuemos estudando e que Deus nos inspire e nos abençoe. Um grande abraço do seu filho e companheiro de sempre ,

Luiz Ricardo Maffei

Olimar
Feder Agosti.



14 de dezembro de 1952
São Paulo, SP.
08 de junho de 1982
Fortaleza, Ce.

Olimar, uma bela e jovem advogada, faleceu em um acidente de avião nas proximidades de Fortaleza, no Ceará, ao viajar para encontrar-se com seu marido Geraldo. Estavam casados há apenas três meses.

O acidente foi fulminante e dos destroços materiais pouco havia que permitisse a identificação das pessoas. Assim, é interessante observar o comentário que Olimar tece a respeito das flores que lhe foram ofertadas no cemitério de Fortaleza, onde não havia possibilidade de ser identificado o local dos restos mortais. Foi um gesto de carinho que só era do conhecimento de seus parentes mais próximos.

Estas são as palavras de seus pais:

“Receber esta mensagem de Olimar foi uma das maiores emoções da vida, pois com a separação da matéria de uma filha jovem, inteligente, bonita por dentro e por fora, de forma repentina e brutal, o equilíbrio somente foi possível pela fé inabalável em Deus e pela ajuda dos amigos iluminados, que nos deram a chance de termos o contato claro, impressionante, autêntico, que fortaleceu nossa crença e nos inspirou a confiar que a vida é eterna para quem ama.

Recebemos mais uma prova de que a morte material é patente, porém o nosso espírito continua na trajetória da vida eterna. Passamos a ter mais amor entre nós familiares e semelhantes, bem como a prática constante do Evangelho do Lar, e a participação ativa e feliz de assistência social, seguindo a Doutrina Espírita”.

Gerson e Olinda Feder.

Esclarecimentos sobre o texto da mensagem:

Pais: Olinda e Gerson Feder.

Esposo: Geraldo Agosti (GE), filho de Helena Agosti.

Marieta Strifezzi: avó materna nascida a 22 de abril de 1898 e desencarnada a 19 de julho de 1949.

Bruno Cavalcanti Feder: avô paterno nascido a 28 de maio de 1900 e desencarnado a 04 de fevereiro de 1956.

Francisco Felipe Agosti, avô de seu esposo Geraldo, nascido a 22 de setembro de 1892 e desencarnado a 14 de setembro de 1963.

Dirce Casella Monteiro, prima por parte de sua mãe Olinda, nascida a 12 de julho de 1935 e desencarnada a 12 de janeiro de 1976.

“Mamãe Olinda e papai Gerson,
Estou ainda sob a impressão difícil de descrever — a impressão dos que passaram pela ocorrência de que partilhei. Ainda assim, estou na condição da filha reconhecida que lhes pede a bênção.

Venho trazida, porque, por mim própria, a iniciativa da visita a que me entrego, seria quase impraticável. A vovó Marieta considerou, porém, que seria justo endereçar-lhes alguma notícia e estou pronta a isso.

Mesmo assim, como não poderia deixar de ser, me sinto amparada a fim de articular as minhas palavras escritas.

Lembro-me perfeitamente de nossa despedida natural antes da decolagem do avião, tudo alegria e certeza de paz com a promessa do reencontro com o nosso querido Geraldo em Fortaleza para que a minha alegria fosse complementada.

A viagem começou sem novidades que mereçam menção especial. Alguns passageiros, creio que veteranos nas travessias aéreas se punham a dormir, tentei fazer o mesmo, no entanto, não conseguia perder-me no repouso desejado. Refletia na vida e montava mentalmente os meus projetos para a excursão iniciada.

Guardava a idéia de que alguém velava comigo, sem que eu pudesse identificar qualquer presença espiritual. Mais tarde é que soube que a vovó Marieta estava ao meu lado.

Tudo seguia sem sobressaltos, máquina estável e segurança em tudo. A aeromoça ia e vinha de quando em quando, oferecendo brindes para nosso reconforto e irradiando o sorriso com que parecia desejosa de nos tranquilizar.

Consultei o horário e pensava na mãezinha Helena a

esperar-me na alta madrugada, quando o estrondo nos reuniu a todos na mesma idéia horrível. Num relâmpago de segundo ainda consegui mentalizá-los em companhia do GE, mas o raciocínio desapareceu como por encanto.

Dores não senti. Creio hoje que nas calamidades imprevistas qual aquela em que me vi, não há tempo para registro de sofrimento pessoal. Se isso aconteceu deve ter sido um pesadelo que o assombro empalideceu.

Nada mais vi nem ouvi. Não sei fazer qualquer comparação para transmitir-lhes essa ou aquela idéia do sucedido. Quanto tempo estive largada ao esquecimento de mim ainda ignoro.

Primeiramente a amnésia me dominou totalmente, em seguida me vi colada a uma apatia sem nome. Vi pessoas em derredor de mim, sabia que um leito acolhedor me aguardava, entretanto, muito vagarosamente passei a interessar-me na busca de minhas próprias recordações.

Percebia-me visitada por amigos, escutava-lhes os votos de recuperação tão rápida quanto possível, no entanto falar ainda era algo muito complicado nos mecanismos de relacionamento de que dispunha.

Passaram-se dias sobre dias, até que pude interpelar minha querida avó que se identificou para minha tranquilidade.

Iniciei os meus contatos e, com espanto, vim a saber que já não mais pertencia ao nosso mundo familiar, segundo os vínculos físicos. Aturdia-me saber que me achava num corpo absolutamente igual ao meu e a muito custo aceitei a realidade de que o outro, aquele que eu deixara no avião sinistrado, era uma veste que se me fizera inútil.

A transição era violenta demais para que me conformasse sem rebeldia, sentia sim uma certa mágoa contra a vida, porque efetivamente não poderia dizer contra a morte, já que a morte passara a ser inexistente em meu modo de pensar e sentir.

Dei largas ao meu pranto de angústia, o que minha avó Marieta considerou natural. Ela não me proibiu qualquer manifestação de tristeza ou desalento, mas me afirmou que seria muito importante superar a crise com minha força de vontade, como se naquelas horas a tivesse.

Os conselhos e avisos, porém, valiam por medicações de muito significado para que eu conseguisse refazer energias a fim de revê-los e comecei a extrair do íntimo de meu próprio ser, a decisão de vencer a mim própria.

Reagi com as possibilidades de resistência que não perdera de todo e transferi-me da amargura para a esperança. Era preciso ajustar-me às leis de Deus que são as Leis da Vida, compreender que os meus anseios de moça deviam ceder lugar a um entendimento melhor, e gradativamente consegui entrar no conhecimento de outros amigos, todos eles familiares queridos que me estimulavam à renovação. Avô Francisco, a nossa querida Dirce, o avô Bruno e tantos corações devotados como que me emprestavam novas forças ao meu cérebro a fim de que eu conseguisse pensar por mim mesma, e pude visitá-los pela primeira vez. Reunimos as nossas lágrimas sem que assinalassem a minha presença e reconheci que se me fazia necessário o reerguimento de modo a ser-lhes útil.

Tomei conhecimento de quanto haviam feito em meu auxílio e agradeço as preces e os atos de religião, os anseios de me tocarem inutilmente, as últimas lem-

branças e as flores que me ofertaram, desconhecendo de que maneira as colocariam ao meu dispor.

Acontece, pais queridos, que eu não mais precisava de espaço terrestre para receber todas essas lembranças do coração, pois acolhi todos os gestos de amor que me dedicaram, por dentro de mim, qual se trouxesse comigo um ímã desconhecido que os atraia.

A dor da mamãe e o sofrimento do meu pai, com o pesar de nosso Geraldo e de todos os entes queridos, me pesaram na alma de inexplicável maneira e aqui estou a fim de rogar-lhes a conformação que os amigos daqui solicitaram de mim.

Agradeço à mãezinha Helena os cuidados comigo e para com o filho querido com quem sonhávamos todos num futuro feliz. Nosso querido Geraldo será fortalecido e sobreviverá, como é justo, ao desastre que não nos tornou diferentes e sim nos obriga a pensar no amor em outro nível.

Mãezinha Olinda, reconforte-o para mim e diga-lhe do meu afeto que prossegue inalterável, e fale a ele de minha vontade sincera de vê-lo forte e reanimado para a existência, quanto possível.

Outros dias surgirão e novos ideais brilharão conosco. O nosso lar de três meses foi um sonho na Terra, mas se nos fará luz para uma reunião maior na espiritualidade. Com a bênção de Deus ele viverá e será feliz. Espero conquistar forças novas a fim de resguardá-lo contra o desânimo e contra a tristeza que, em verdade, não servem a ninguém.

Que os nossos corações se unam nas esperanças diferentes em que a imortalidade nos revele a perenidade do amor e da comunhão espiritual para sempre.

Queridos pais, ainda não estou assim tão forte para

prossequir, reconhecendo embora que me estendi, talvez demasiado, no relatório de minhas informações de caráter familiar. Desejo que me saibam viva, mais viva do que nunca, a fim de continuarmos em nossas realizações para a frente.

Querido papai Gerson, é preciso viver e esperar.

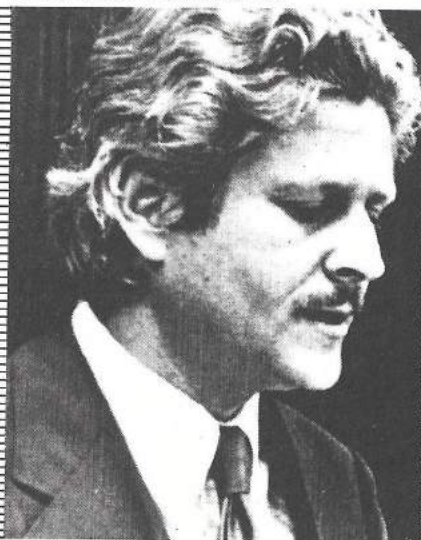
Mamãezinha Olinda, sigamos adiante recordando que há muita gente esperando por nós e por nossos abraços.

A vovó Marieta se lhes faz lembrada com um abraço e desejando fortemente imprimir-lhes nos sentimentos a certeza de que a morte não existe. Com muito carinho ao Geraldo, despede-se por hoje com muitos beijos de saudade e de esperança a filha do coração, que anseia continuar sendo para os dois a criança que não cresceu e que os ama, cada vez mais.

Sempre a filha agradecida,

Olimar Feder Agosti''

Roberto
Medeiros Fernandes



13 de agosto de 1931
São Paulo, SP.
05 de agosto de 1983
São Paulo, SP.

Roberto Medeiros Fernandes foi espírita e orador no Núcleo Assistencial Bezerra de Menezes. É muito interessante observar o nível de consciência com que passou seus últimos momentos aqui no plano terrestre durante o período de transição.

Roberto estava internado devido a um linfoma^M linfocítico e faleceu rapidamente. Sua esposa, Hilda, estava ansiosa pois não tivera tempo de despedir-se de Roberto no Hospital, mas encontrou o texto, que leremos a seguir, logo após seu desencarne:

“Querida Hilda, queridos filhos, todos os demais.

Parece que é hora de partir; não adianta me levar para o hospital, nem qualquer outra tentativa de evitar a lei de Deus se assim ele desejar. Desde as 5 horas da madrugada que há uma entidade espiritual aqui e tão grande é sua vibração e perfume que quase não aguento.”

Querida, continue realizando a reunião do Evangelho uma vez por semana e a prece todas as noites antes de dormir. É preciso exercitar os preceitos do Evangelho e viver mais para os outros.”

Geraldo Brito, seu cunhado, ao chegar em casa, após uma visita a Roberto ainda vivo, deitou-se para descansar e, em desdobramento, viu-se saindo de seu corpo e encontrou-se com Roberto que entrava pela janela, abraçando sua esposa com muito amor.

Hilda, cinco dias antes do recebimento desta mensagem, sonhou com Chico Xavier que lhe dizia: “Hilda, desta vez você vai receber a mensagem de Roberto”. Acordando continuou a ver o rosto de Chico. Partiu para Uberaba, certa de que iria receber a mensagem.

*Estas são as palavras de seu cunhado, Geraldo:
“Receber esta mensagem nos trouxe muito conforto. Ele era um irmão e companheiro de Doutrina muito querido por todos os familiares e amigos. Foi uma demonstração de que todo o bem praticado é sempre enviado em retorno, principalmente no momento de desencarne, pois Roberto o recebeu através da assistência espiritual que teve dos familiares, amparando-o e refazendo suas energias”.*

Geraldo Brito.

Esclarecimentos sobre o texto da mensagem:

Esposa: Hilda Britto Fernandes.

Filhos: Cláudio, Sheila e Flávio.

Sebastião Carvalho Britto e Iris Belletti Britto, são os pais de Hilda.

Francisca Garcia Fernandes, mãe de Roberto, já desencarnada.

Clara de Jesus Medeiros, avó paterna, desencarnada.

Manoel Medeiros, avô materno, desencarnado.

Flora Belletti, avó materna da esposa Hilda, desencarnada.

Júlio Ribeiro Britto, avô paterno da esposa Hilda, desencarnado.

“Querida Hilda, Deus nos abençõe.

Embora os meus reduzidos conhecimentos doutrinários, não julgava que ainda neste ano pudesse trazer-lhes as minhas notícias.

Estou muito melhor e compareço habitualmente à nossa casa da rua Teodureto de Souto, no Cambuci, a fim de abraçar a você e aos nossos queridos filhos.

A Sheila, o Flávio e o Cláudio, com o amparo de Jesus, estão em pleno desenvolvimento, encorajando-nos com a solidariedade e o carinho que nos ofertam.

Minha preocupação maior ainda é com você mesma, porquanto a vejo tão desolada agora em novembro, quanto a vi, quase que em desespero total, em agosto passado. Venho pedir-lhe calma e coragem.

Agradeço a companhia dos nossos prezados irmãos Geraldo e Neyde, tanto quanto, o devotamento de seu pai, nas elucidações com que nos acompanham e nos reconfortam.

Querida Hilda, não conseguiríamos alterar o problema do linfoma de que a minha dor de garganta era um pálido reflexo. Vejo-a refletindo e refletindo imaginando que poderia talvez me oferecer condições de cura, mais isso, querida, não tem razão de ser. A verdade é que ninguém conhece com minudências de definição o corpo em que mora na Terra. E além disso, trazemos aí no mundo conosco os agentes que se desdobram em tempo certo preparando-nos a volta para a Vida Espiritual. Convença-se de que com todo esse amor, com que você me construiu a felicidade no mundo, você não poderia podar a anemia perniciosa com que o meu problema orgânico se agigantou quase que de repente.

Aceitemos as Leis da Vida em nos mesmos e não chore mais, com tanto pesar, porque isso me aflige ainda

muito.

O seu avô Júlio tem me prestado excelentes serviços, amparando-me com as explicações de que ainda necessito, e peço habitualmente a ele para que auxilie você a se reanimar.

Quero dizer-lhe que não senti o mínimo desamparo. Aquela sua dedicação para comigo no Hospital do Servidor encontrou continuidade no amor com que a minha mãe Francisca, e a minha avó Clara de Jesus Medeiros me sustentaram na desencarnação.

Você e os filhos queridos eram meu ponto nevrálgico para me agarrar apaixonadamente à vida física, mas quando o corpo não me tolerou mais, redendo-se à suprema exaustão, notei que duas senhoras me auxiliavam como se eu lhes fosse uma criança querida.

O coração parara no peito e vi uma nuvem esbranquiçada a envolver-me.

Reconhecia-me ainda deitado e sem forças para mover se quer um dedo, quando vi aqueles semblantes que me sorriam... Acenavam-me convidando ao esforço para reerguer-me...

Entretanto, como doia deixá-la com os nossos garotos!

O homem enfrenta qualquer dificuldade para defender-se ou preservar a família, mas a morte era um sinônimo de separação e por muito seguros me fossem os conhecimentos, relutei naquela rendição que não me parecia possível. Queria ficar, consolar você, dizer aos meus filhos que os amava tanto, mas o corpo não me respondeu a qualquer solicitação. Quis falar com todas as minhas forças que eu estava vivo, no entanto a boca não me dava sinal de correspondência...

Entre as duas vidas, enxergava unicamente aqueles

rostos amigos que me sorriam, atirando-me sinais para que me levantasse. Compreendi chorando e esforcei-me. Bastou isso e me vi em posição vertical num corpo que era em tudo semelhante ao meu, porém, mais leve e mais ágil.

Pensei em novamente locomover-me e renteei, com os amigos que pareciam à minha espera...

Aquele reencontro! Não sei se era de felicidade ou de infortúnio. A alegria se misturava com o sofrimento e o pranto me caiu dos olhos, enquanto me abraçavam aqueles benfeitores que, de certo modo a princípio, teimara em obedecer.

— Pois você não nos conhece, meu filho? - era a mãezinha Francisca a interpelar-me.

— Aqui sou eu, a sua avó Clara de Jesus! — explicava a benfeitora que me enlaçava suavemente.

— E eu, — disse o amigo que as acompanhava, — sou o seu avô Manoel!...

No recato natural que me aproximava e ao mesmo tempo me afastava das senhoras, entreguei-me aos braços de meu avô, soluçando, com um mundo de emoções contraditórias ~~se~~ me entrechocarem no espírito, porque eu estava feliz por encontrá-los e infeliz por perder você e nossos filhos!

Um enfraquecimento brusco me abateu as energias e senti que o sono do grande repouso me dominava...

Fui transferido para um Hospital da Vida Maior, onde recebi nova assistência e aqui estou agora, um tanto mais refeito, a fim de pedir a você paciência e coragem. Não estaremos separados. Você tem seu pai Sebastião e sua mãezinha Iris e seu companheiro procura agora ser agradecido aos familiares que me estenderam as mãos.

Não tema os problemas do mundo. Eles aparecem

para enriquecer as nossas experiências.

Tanto quanto se me torne possível, estarei com você e nossos filhos sempre que isso se me faça permitido.

Muitos familiares que a estimam têm sido aqui também para mim protetores e amigos que não posso esquecer. A sua querida avó Flora Belletti têm sido de grande solicitude para comigo e peço a você agradecer por mim a tanta gente boa em suas preces.

Sou muito grato aos nossos irmãos Geraldo e Neyde que a encorajaram para vir até aqui e rogo-lhes interpretar meus agradecimentos a seu pai, que considero também por meu pai e meu amigo.

Querida Hilda, aqui termino. O coração fica no ponto final e meu pensamento seguirá entrelaçado com o seu. Agradecendo a você o amor da existência inteira e a ternura incessante com os seus cuidados de todos os dias, beija-lhe as mãos queridas e devotadas o esposo e companheiro, irmão e servidor,

Sempre seu,

Roberto Medeiros Fernandes."

Rosângela
Maria Sonvesso



17 de junho de 1959
São Paulo, SP.
22 de agosto de 1981
São Paulo, SP.

Rosângela aos 22 anos estava fazendo pós-graduação em Matemática na Universidade de São Paulo (USP) e preparava-se já para o doutoramento, enquanto exercia o cargo de professora de matemática em escola secundária.

Alguns meses antes de seu falecimento, devido a um aneurisma cerebral, Rosângela fizera a sua mãe um pedido: se algum dia ela partisse, que entregasse uma jóia recebida como presente de seu namorado Joel, para que ele a desse a sua filha, que algum dia haverá de nascer.

Este fato era apenas do conhecimento de sua mãe, dona Maria Helena e é mencionado nesta correspondência inter-planos de existência.

Dias antes do desencarne, comentou que, quando morresse, gostaria de receber flores do campo para enfeitá-la. E ela refere-se em agradecimento a isto, pois seus pais fizeram seu gosto.

Eles, após o recebimento desta primeira mensagem, ora publicada (já enviou mais seis), tornaram-se espíritas e passaram a trabalhar com maior força a benefício do próximo.

*Estas são as palavras de sua mãe Maria Helena:
"Agradeço a Jesus, e peço a ele pelo nosso querido
Francisco Cândido Xavier, pois foi através de sua
bendita psicografia que pudemos reencontrar nossa
Rosângela e assim criar novas forças para viver.
Jesus o abençoe sempre."*

Maria Helena de Jesus Sonvesso

Esclarecimentos sobre o texto da mensagem:

Pais: Maria Helena de Jesus Sonvesso e
Divino Santo Sonvesso.

Irmão: Carlos Roberto Sonvesso.

Tia Oneida, por parte do pai de Rosângela, e mãe de João Carlos.
Juliana Maria de Jesus, bisavó materna, desencarnada a 09 de julho de
1968.

Angela Galli Sonvesso, bisavó paterna, desencarnada a 08 de fevereiro de
1956 .

Mãe,

Abençoa-me. Sinto conosco a presença espiritual de meu pai, o papai Divino, que estimaria acompanhar-nos. Refiro-me a isso, porque não desejo possa ele se julgar esquecido.

Um ano transcorreu. Num momento qual este em que a vejo de mais perto, como que se rearticulam na memória todas as impressões do corpo, a desmoronar-se por falta de comando mental.

Aliás, para nós ambas, aquela queda súbita de forças não foi novidade. Tudo estava confirmado em meus pressentimentos. Passei por vários sonhos, que mais se me afiguravam reencontros. Parentes queridos a me falarem da volta, amigos que me prediziam o despertar em nossa vida verdadeira.

Instantes surgiram em que parecia ainda sob a impressão de algum desequilíbrio, tão nítidas se me faziam as lembranças de quanto via e ouvia à distância do meu próprio corpo físico.

Quando me vi sem energias para sustentar a mim própria, no dia 19, compreendi sem a possibilidade de transmitir aos meus apontamentos que me abreviavam da fase terminal da existência breve.

Lembro-me que me conduziram ao hospital, de modo a verificar que providências seriam cabíveis para as melhoras positivas que me desejavam, e escutava-lhes as palavras referindo-se à violência do meu problema orgânico. O desejo de me expressar era muito grande, mas não mais dispunha do controle da palavra e a única porta que me restava para a saída de mim mesma era a oração, a que me agarrei no silêncio, cortado pelos ruídos da enfermagem no tratamento de sustentação.

Mamãe querida, se não lhe foi fácil a despedida de

sua criança que era eu mesma, aos vinte e dois janeiros de idade, para mim a separação foi uma cirurgia cruel. No corpo não registrava qualquer dor, no entanto, por dentro de mim, palpitava o anseio de dialogar com os meus, sem a mínima chance para isso. Não sabia o que fosse noite ou dia, porque tudo permanecia obscuro à minha visão. Achava-me sob espessa neblina que me oferecia ensejo de inter-câmbio com aqueles que mais amo.

Na manhã de 21 de agosto passado, notei que a nuvem que me cobria de todo se abria num lance estreito e, por semelhante abertura, vi a face da vovó Juliana, que me acenava, com carinho. Assinalei uma alegria profunda no coração, porque não me sentia tão só, naquele estado avançado de quase libertação do veículo físico e, depois de muitas tentativas para o intercâmbio com a vovó Juliana, observei que me deslocava no leito, tornando-me mais leve... Ouvia as vozes discretas, as considerações aflitivas do papai e roguei a Jesus nos consolasse a todos, porque a minha hora havia chegado.

Benditos momentos! Revi todos os episódios de minha curta existência e lamentei não me fosse concedido mais tempo para continuar ao lado da família...

Entre preces e divagações, esperava, esperava...

Até que vovó Juliana se me fez mais intensamente visível e me comunicou carinhosamente:

“Minha querida Rosa, agora você vai para outro jardim. Um jardim de bênçãos em que muitas afeições nos aguardam”.

Pensamentos a me turbilhonarem no cérebro cansado, ainda formulei negativas:

“Bisa querida”, mentalizei, “peça por favor a Jesus para que eu fique ainda ... Minha mãe, o pai, o Carlos

Roberto me esperam. A senhora que foi sempre maravilhosa, rogue ao Senhor me conceda mais tempo...”

A benfeitoria querida tomou a palavra, explicando-me: “Rosa, tudo estaria bem se você retornasse à saúde, mas compreenda... A ruptura de vasos importantes já se verificou... Filha querida, não se recuse à aceitação da lei de Deus. Pense. Você já está em oração fora de seu próprio cérebro... Não peça o impossível, e atendamos à certeza de que Deus nos oferece sempre o melhor!”

Então, mãe querida, chorei e me rendi àquele sono pesado com que me acomodei sem querer.

Observando-me partida em meus próprios sentimentos, ouvia o seu choro discreto e os gemidos do papai, no pranto que lhe corria dos olhos. Experimentava o aroma das flores que me cobriam e descansava... Estava ali e não estava. Era eu mesma a marcar as impressões derradeiras na experiência física, no entanto, reconhecia-me hesitante, estranha e fora de mim...

Nada entendia da morte, mas depois vim a saber que vínculos invisíveis ainda me atavam ao corpo inerte e registrava, sem querer, aquele entardecer da mente no qual eu não sabia o que fosse dia ou noite, sombra ou luz. Por mim, o que me pareceu sono pesado se fez mais pesado ainda e perdi-me num silêncio total.

O despertamento veio, ao lado da querida benfeitora que me orienta o desligamento.

Não foi sem surpresa para não dizer assombro que me conscientizei da desencarnação. Não precisei de muitas explicações, porque a bondade de Deus me dera dois dias importantes para meditar... Ali no clima do hospital fizeram um curso rápido de transformação espiritual. Achava-me entre dois mundos diferentes, aquele que me fora familiar e o outro em que me cabia

entrar sob outra forma.

O que choramos na intimidade, já sabemos, porque me via unida às suas aflições e o seu coração me percebia as saudades imensas. A dor do papai e do irmão querido repercutia dentro de mim, no entanto a querida bisavó Juliana me tutelou inteiramente, recolhendo em meu benefício o comando de outros amigos. A querida nona Sonvesso me estendeu o coração e sua filha vai recuperando a espiritualidade em que preciso agora viver.

Mãe, agradeço-lhe tudo o que fez por mim, sou grata ao seu gesto, restituindo ao estimável Joel o presente valioso que, pelo valor, não deveríamos conservar conosco. E quanto possível, agradeço quando semelhante reconforto se me faz concedido, todas as atenções que ele me deu.

Agradeço, mamãe as suas flores. Perdoe-me se eu desejava as do campo. Imaginando-me não longe da partida, queria aqueles que houvessem nascido naturalmente na terra, cujo seio se abria também para mim. Querida mãe, encontrei no mundo em sua presença, a minha melhor companheira. Receba meu reconhecimento com meu pai pelas orações que me ofereceram.

Recebi todos os officios da fé religiosa com veneração e alegria. Todas essas bênçãos me confortaram e por isso, aqui me vejo com a nossa benfeitora afim de lhes agradecer por tudo o que recebi. Deus os recompense. Ao querido irmão o meu abraço de carinho, esperando possa ele se realizar nos melhores empreendimentos na vida.

A tia Oneida não está sem proteção. Muitos amigos e parentes nossos estão auxiliando ao querido João Carlos.

Mãe, aqui estará o ponto final. Não posso delongar-

me porque a emoção que me vem à cabeça e as recordações carregadas de saudades são muitas e muito densas as imagens que se formam por dentro de mim e por isso reuno-a com o papai e com o irmão querido no meu carinho e no meu reconhecimento.

Mãe querida, guarde os muitos beijos de sua filha, sempre sua filha e companheira de todos os dias, sempre a sua

Rosângela Maria Sonvesso''

Valdir De Vicente



30 de dezembro de 1956
Osasco, S. Paulo.
20 de Janeiro de 1982
Via Anchieta, S. Paulo

Valdir, aos 25 anos, era desenhista profissional. A caminho da Baixada Santista, sofreu sério acidente automobilístico, chegando ao final desta sua jornada no plano terrestre.

O choque foi terrível para os seus mas o reconforto veio com a primeira mensagem, recebida um ano e quatro meses depois de sua passagem. Mais quatro já foram enviadas e ora publicamos a primeira.

Para sua mãe, dona Tereza, receber esta comunicação foi a melhor coisa que aconteceu depois do desencarne de Valdir. Ela sentiu que teria como que uma continuação de vida, podendo saber de tudo que se passava com ele.

Tornaram-se espíritas, começando a colaborar na assistência ao próximo, e este trabalho tem ajudado muito a eles.

Estas são as palavras de sua mãe:

“Gostaria de pedir a todas as mãezinhas que passam por este transe doloroso que se confortem na certeza de que os filhos continuam realmente vivos, nos auxiliando e nos incentivando no trabalho ao próximo.

As mensagens recebidas pelo querido Chico Xavier foram o melhor conforto para o meu coração de mãe e dos familiares”.

Tereza De Vicente

Esclarecimentos sobre o texto da mensagem:

Pais: Tereza e Januário De Vicente.

Irmãos: Wagner, Carlos Alberto (Beto), José Roberto (Duda), e Terezinha (Zinha).

Reginaldo De Vicente é o sobrinho Regi.

Tereza Maia é a tia já desencarnada e avó Maria Josefa, por parte de mãe, também desencarnada.

Maurício Falcão é o amigo que estava no mesmo automóvel por ocasião do acidente, tendo falecido com Valdir.

Querida Mamãe Tereza,

Abençoe-me com sua bondade de sempre.

Parece incrível mas estou aqui, plenamente recuperado, apenas com a realidade nova numa vida diferente, dentro da qual somos os mesmos, com idéias mais claras quanto à vida.

Tudo passou, eu entretanto guardo comigo um arrependimento de não lhe haver dito que desceríamos ao litoral para combinar uma festinha de Ano Novo. Imaginei que o retorno seria rápido, só porisso, não por outros motivos, é que não me expliquei como precisava.

Sei porém que o seu carinho e a compreensão do papai Januário me perdoam. Pelo que tenho de pesar pelo fato que exponho, peço-lhes esquecerem que não disse toda a verdade, porque não cultivava o hábito de mentir. Acontece que o Luiz nos recomendava cautela para seguirmos mais livres, sem acompanhamento de pessoas que pudessem talvez retardar-nos a volta. Mal sabíamos que a estrada nos imporia surpresas.

Quem desce habitualmente aceita a sugestão de velocidade maior e o problema se agravou quando nos vimos à frente ^{de} um caminhão pesado que fazia força para evitar a banguela.

Impossível evitar o choque, nada sei daquele momento difícil, é como se uma pancada só nos anulasse a cabeça. Quis gritar pelo Maurício e pelo Luiz, mas a voz não saía da garganta, minhas energias esmoreciam devagar, ao modo de uma lâmpada que se apaga lentamente sem possibilidade de reavivar, num pesadelo a prender-me qual se me visse no fundo de um grande poço. Não sei como se improvisou esse quadro na mente conturbada.

Tive a idéia de que a pancada sofrida houvesse me atirado para aquele recanto escuro. Vendo muito acima de mim a abertura para a saída como quem enxerga do bojo de um túnel a luz brilhante lá fora. Onde a coragem para subir? Nada sabia do que estava acontecendo, os pensamentos se entrechocavam em meu cérebro, até que dormi.

Ignoro até hoje como me retiraram desse estranho lugar.

Quanto tempo estive entregue à inconsciência, ainda não sei dizer, até que despertei. O ambiente era novo, tudo mudado, notei pessoas rondando o leito. Espantado por me ver à distância de casa quando estava acordando, naturalmente indaguei em voz alta sob a minha nova situação. As duas senhoras se aproximaram, e identificando-se com carinho, disseram-me que eram ambas a tia Tereza e avó Maria. Registrei um abalo, porque observei de pronto que eram pessoas já fora do nosso grupo familiar, em vista das despedidas pela morte de quem conservava conhecimentos. Lutei muito para aceitar o desafio com que me via defrontado.

Não conseguia admitir que estivesse destituído de meu corpo físico, embora a batida no caminhão se mantivesse, de modo vago, em meu pensamento. Creio que minhas queridas protetoras encontraram muitos entraves para me convencerem.

Depois de alguns dias conduziram-me à nossa casa e confirmei quanto me afirmaram porque vi meus familiares queridos sem que me vissem. Pertencia agora a novo mundo de matéria mais leve e inútil, porque tentasse eu levantar uma xícara ou acionar algum botão para eletricidade e tudo me parecia pesado, tão pesado que os elementos não me obedeciam.

Pude vê-la mirando um retrato meu, pensativa e chorosa, vi meu pai abatido incapaz de me assinalar o abraço de filho que sempre o amou tanto, andei à vontade sob a tutela da tia Tereza. Reencontrei o Wagner, o Beto, o Duda e a Zinha e cumprimentei-os com emoção de quem chega de longa viagem, mas nenhum dos irmãos me registrou a presença.

Busquei o nosso Reginaldo e lutei com todo o meu poder mental para fazer-me visto por ele, mas reconhecendo que todo meu esforço era em vão nesse sentido, pedi o retorno à casa, mas de nosso pouso doméstico, era preciso seguir a tia querida. Desde então vou fazendo o meu curso de adaptação; conformado não estou, no entanto já aceito a interpretação dos amigos daqui.

Trouxeram-me o Maurício para um abraço, mas o colega sentenciou que necessitávamos de muita serenidade para sermos tratados com naturalidade no campo novo de vida. Assim é, mãezinha, que seu filho vai conseguindo esquecer o desapontamento sofrido afim de abraçar uma vida nova. Peço-lhe dizer ao papai e aos irmãos que vou bem, com muita proteção mas bastante envergonhado ainda pela nossa imperícia, atropelando um caminhão-elefante pela trazeira, é uma aventura de não acreditar.

O Luiz se descartou muito bem da jogada difícil ou foi retirado por amigos e protetores que não conheço, para continuar trabalhando aí mesmo. Mãe, ele fez o máximo, o freio não conseguiria evitar a derrocada, aliás, aceito os ensinamentos que nos ministram aqui, de modo a receber os acontecimentos como são.

Estimaria que o nosso Regi voltasse a ser o mesmo, um menino forte e tranquilo. Espero que ele não deixe de comparecer em nossa casa onde continua sendo,

não só o carinho, mas também o companheiro inseparável de nossa vida. Não desejo que nosso Reginaldo crie qualquer processo de medo no coração.

Ele precisa viver à distância de receios negativos. Afinal, carros se entrecrocavam todos os dias em qualquer lugar, e onde estou agora com o auxílio dos mensageiros do Bem, vou conseguir aproximar-me dele, para fazermos juntos nobres tarefas do amor ao próximo. Isso não será para já, mas logo o veja em condições de meu auxiliar estaremos unidos um ao outro, para continuarmos trabalhando para o bem, conforme sempre foi o nosso ideal.

Mãezinha, é isso aí. Não estamos sendo causas de tristezas e desânimo para ninguém. Pode dizer em meu nome ao papai e ao Wagner que estou me habilitando para o trabalho novo, o tempo sobre a minha volta ainda é curto mas o meu desejo de trabalhar é grande demais. Rogo com seu carinho e a todos meus entes amados continuarem trabalhando sob a tutela da coragem e da paciência, diante dos entraves que a vida por ventura nos ofereça. Muitos sofrem, era impossível continuar a nossa casa sem provações e sem problemas; sigamos adiante. Dizem que os mortos são apenas saudades que ficam, mas desejo provar que a gente consegue auxiliar à família, aos amigos, com esforço e boa vontade, e procurarei mobilizar essas forças para servir.

Rogo-lhe desmanchar o ambiente de amargura que ainda pesa em nossa casa e se ainda tiverem objetos que me pertencem em casa, distribua-os por favor, com os meninos que sejam capazes de aproveitá-los.

Acidente não é doença, e quem volta nas condições de meu regresso à vida espiritual entrega o que tem, longe de pensar em escrúpulos negativos. Mãezinha, sei

que o Papai está doente e mais calado do que de costume, peça a ele paciência e continuaremos a cultivar o nosso jardim de imenso valor espiritual, o jardim de paz e união feliz em que sempre vivemos.

Um abraço forte em nosso Reginaldo, com saudades a todos.

E para o seu coração maternal, aqui fica o coração inteirinho de seu filho.

Valdir de Vicente''



Impresso por
W. Roth & Cia. Ltda.

